

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 133



Aventuras extraordinarias
dum policia secreto

As ruínas de Pompeia



EDITOR E PROPRIETÁRIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COMPRADA NA EMP. LUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarização

• científica ao alcance de todos •

Vulgarizar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desamellar nos mesmos ilustrados o ponto pelos estudos científicos, tão necessários para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que encerrará verdadeiras obras-primas, desvidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Esta publicação o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por G. de KIRWAN

Livro de sciencia popularissima, a obra que inicia a serie da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos êxitos.

No prelo:

Através do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desaparecidos, por Zaborovsky
As Estrellas e os cometas, por Saccchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Intelligencia e o crebro, por G. M. Duse
Bazarilismo e Espiritismo, por G. Doreille
O Alcoolismo e os seus estragos, por Sericux e Mathieu
A Fisiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 RS. CADA VOLUME BROCHADO E 100 RS. —NITIDAMENTE IMPRESSO—

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

- | | |
|---|-----|
| I Obscurezas primitivas — A Prostituição em Antiga Grecia | 300 |
| Impedimentos de Roma Primitiva — Derrocado dos Romanos | 10 |
| III Demoralisação Franceza — Tempos modernos | 300 |

No prelo:

IV (o ultimo volume) Tempos modernos

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS

==CADA VOLUME CONTE==

== 14-00 LINHAS ==

DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de Pierre Zaccane.
O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
A aposta maldita, por Jules de Gastygne.
Os fúacos d'Oiro, por Paulo Pires.
As filhas do povo, por Alceia Bouvier.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, compoão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande

• REIS • um bom romance completo

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições luxuosissimas ◆ ◆ ◆
com bellas e numerosas gravuras intercaladas
◆ ◆ ◆ no texto ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edições luxuosas e artisticas e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados :

- I — Bitoso Iar, por Marcel Proust
- II — Aphrodite, por Pierre Louys
- III — Prima Laura, por Marcel Proust

500 Rs. Preço de cada volume 500 Rs. brochado

Numero 133

Lisboa, 4 de Dezembro de 1911

Anno IV

AS RUINAS DE POMPEIA

CAPITULO I

O roubo d'uma menina

«Sr. Holmes:

«Tendo occasionalmente uma conversa com o director da policia de Napoles, soube esta manhã que o senhor está actualmente n'esta cidade. Um raio de esperanza atravessou então a escuridão do meu desespero, um feliz acaso levou o seu caminho para Napoles. Não sei se a dor d'um pai e o desespero d'uma mãe que perdeu durante a noite a sua unica filha o poderá commover, mas tenho a certeza de que o senhor, que se chama o cavalheiro da justiça, terá compaixão de uma pobre e innocente menina, que foi roubada com violencia brutal da casa paterna.

Quem poderia ter interesse em roubar a minha filha? Que sorte esperará a desgraçada? Venha em meu auxilio, sr. Holmes, e salve Ada das mãos de criminosos desconhecidos! Todo o dinheiro que desejar está á sua disposição.

Conde Luigi Ventura

Palazzo Ribera em Capri.

Essa carta trouxe-a a um moço ao hotel da estação, na Piazza Garibaldi.

Erão dez horas da manhã. Sherlock Holmes que estava por alguns dias em Napoles, achava-se sentado perto da janella aberta, e olhava para a estatua do heroe popular italiano Garibaldi.

As espiraes azues saindo do pequeno cachimbo de madeira que o grande policia fumava com visivel satisfação, levantavam-se directamente para o fresco e claro ar da primavera. N'esta occasião entrou Harry Taxon no quarto e entregou a carta ao mestre.

Holmes leu a attentamente, levantou-se e andou durante uns minutos silencioso e pensativo para baixo e para cima. Harry leu a carta que o policia tinha deixado para cima da mesa. O que lá estava, escripto não lhe promettia ser uma aventura especial; na Italia o rapto d'uma menina não causava admiração.

Sherlock Holmes entretanto parecia pensar d'estra maneira. Foi direito a um gabinete do hotel onde estava instalado o telephone e fê-lo ligar com o director da policia de Napoles.

«Aqui, Sherlock Holmes. Poderia dar-me alguma explicação a respeito do rapto da condessa Ada Ventura, em Capri?

O director da policia tinha vindo pessoalmente ao telephone.

«E uma historia verdadeiramente enigmatica, sr. Holmes! Estamos deante d'uma cadeia de contradicções. Não foi só raptada a filha do conde Ventura, mas na mesma noite foi tambem assassinado a cem passos do palacio do conde um joven aspinolito, de uma casa muito distinta. Até agora não temos ponto d'apeio que nos possa dar qualquer esclarecimento; a filha do conde desapareceu sem deixar vestigios. Ficar-lhe hiamos muito reconhecidos se o senhor intervisse n'este caso. N'estes ultimos tempos multiplicaram-se os crimes, que se effectuam debaixo de condições mysteriosas. Estamos impotentes deante d'uma cadeia de attentados.

—Bem, verá isso, respondeu Holmes, posso contar com o seu auxilio em qualquer occasião, sr. director?

—Mas de certo, de certo. Peço-lhe que disponha de mim como entender.

—Obrigado.

Em seguida chamou Harry e foi com elle para o caos onde embarcou para Capri.

Entretanto era meio dia. O sol assemelhava-se a uma bola ardente no seu azul que se arqueava como uma campainha gigante sobre a paisagem. Como uns gigantes da antiguidade erguiam-se os rochedos

Acid
823-91
D594.99
p45
V. 6 NO. 133

de Capri do mar azul, e as paredes brancas da villa de Tibérias roluziam como castellos legendarios dos tempos passados.

Sherlock Holmes e Harry dirigiram-se para a pequena villa de Capri que estava situada n'uma pequena encosta.

O castello de conde Ventura ficava a trescentos metros da cidade no cume d'um pequeno monte, para o qual conduzia uma estrada larga.

O edificio estava no meio d'um silencio absoluto. Algumas palmeiras parecendo sentinellas estavam á entrada. N'uma das alas, no meio de tenra verdura, viam-se luzir algumas laranjas douradas.

Um guarda-portão approximou-se de Sherlock Holmes quando este passava com Harry pelo jardim:—Queira annunciar-me ao sr. conde, o men nome é Sherlock Holmes, disse o policia.

O guarda-portão affastou-se, ouviu-se uma chamada, e antes que Holmes e Harry tivessem chegado á porta da casa, approximou-se d'elles apressadamente um homem alto, de modos distinctos.

Vestia abroscacina preta, e cabello e a barba eram brancos e os olhos negros brilhavam.

Com a vivacidade italiana, estendeu as mãos ao policia.

—Oh, sr. Holmes, como lhe hei de agradecer ter vindo aqui! Dá-me honra que mande vir uns res-freos?

—Obrigado, senhor conde, respondeu o policia com a tranquillidade habitual. Queria pedir-lhe para me explicar tudo o que diz respeito ao rapto de sua filha e de me mostrar o quarto que a joven senhora habitava antes de ter desaparecido d'uma maneira tão enigmatica.

—Da melhor vontade, senhor, exclamou o conde Ventura, e tomando a deanteira levou os seus dois hospedes pela larga escada de marmore ao primeiro andar do castello.

O interior da casa era no estylo italiano da renascença, que liga á maior pompa o mais distincto gosto. Uma frescura agradável jorrava sobre o pesado ta-pete da persia que cobria a escada.

Quando Sherlock Holmes subiu o ultimo degrau appareceu-lhe uma senhora já de certa idade.

Trazia um vestido preto, o sobretudo era simples, e nos cabellos castanhos viam-se misturados muitos fios prateados; essa mulher devia ter sido de uma grande belleza.

O conde fez as suas apresentações:—Minha esposa—o sr. Sherlock Holmes.

E o policia apontou indicando Harry:—O meu fiel companheiro e ajudante.

A senhora levantou os olhos ainda brilhantes, mas que estavam agora cercados de vermelho para Sherlock Holmes e disse com voz lamentosa:

—Como sou feliz vendo o aqui! Os nossos policias são impotentes para desvendar este crime. Decerto, trata-se outra vez d'uma das partidas de Camorra, que talvez nos queira exigir um resgate. Damos de boa vontade tudo o que possuímos; o que queríamos era apertar nos braços a nossa innocente e desgraçada filha. Mas eu temo o peor.

—Por isso mesmo, senhora condesa, é preciso aproveitar bem o nosso tempo e não deixar a deanteira aos criminosos. Tinha coragem. Faré tudo o que estiver no meu alcance para lhe entregar a sua filha. Dá-me licença que veja o quarto da condesa Ada?

O conde e a condesa passaram a um longo corredor. Todo o ruido dos passos morria nos espessos tapetes. A' direita e á esquerda estavam collocadas armaduras antigas, viam-se penduradas algumas pinturas dos tempos passados. Eram os avós da casa Ventura, que olhavam severamente da rigidez das suas molduras.

O conde abriu uma porta e indicou um quarto mobiliado d'uma maneira fabulosa, ao lado d'este estava um quarto de dormir luxuoso.

—Aqui estão os aposentos de nossa filha, declarou elle.

Sherlock Holmes entrou; encontrava-se no gabinete da condesa Ada. Ali estava tudo em ordem, mas no quarto de dormir ao contrario tudo demonstrava que a dona o tinha ha pouco deixado.

—Não deixámos até agora entrar ninguém n'este quarto e demos tambem ordem de deixar trancado tal qual como está, disse o conde Ventura, para dar occasião á policia de reconhecer o mais pequeno vestigio. Mas, tanto o commissario como tambem dois policias napolitanos que estiveram aqui já declararam ser impossivel descobrir o caminho por onde se effectuou o rapto de nossa filha.

Sherlock Holmes examinou o quarto com a mesma minucia com que fazia todas as suas investigações; mas tambem elle parecia não ter uma sorte especial, porque Harry o viu algumas vezes succedida a cabeça d'uma maneira indecisa.

—Quando e como deram pela falta de sua filha, senhor conde?

—Fui eu a primeira a suspeitar, respondeu a condesa. Ada não appareceu á mesa ao almoço. Como de costume era muito pontual e como quasi todos os dias dava um passeio ás sete horas no jardim, temi que ella estivesse doente, fui ao seu quarto para ver o que se tinha passado. O seu gabinete estava fechado á chave por dentro, e não ha outra entrada. Isti chamar meu marido. Elle arrombou a porta, mas só podemos constatar que Ada tinha desaparecido.

—A porta estava fechada por dentro? perguntou Holmes outra vez.

—Sim, senhor.

—Não poderia ter acontecido que a condesa, dando o seu passeio habitual no jardim, fosse raptada ali?

—Não, porque o jardineiro que estava trabalhando do lado muito cedo a teria visto. O crime foi foleto, sem duvida, durante a noite, porque a agua do lavatorio está ainda intacta.

—Ficariam as janellas abertas durante a noite? perguntou o policia.

—Sim, Ada dormia sempre com as janellas abertas. Mas no pateo estão os ciez. O parapeito da janella está em pouco torto. Tambem se viam umas no-das de oca.

—E' estranho! murmurou Holmes.

O policia curvou-se e apanhou uma coisa que estava entre o painal e o sobrado. Era uma pequena cruz de pedras e diamantes.

A condesa apenas lhe lançou um olhar exclamou:—Oh! meu Deus, essa é a cruz que o prior de Santa Maria l'Inconstrata deu de presente a Ada. Era a unica joia que ella quasi sempre trazia!

—Metteda n'um fio de perolas? perguntou o policia.

—Isso mesmo. Mas como sabe o senhor isso?

Holmes debruçou-se sobre da janella e indicou uma coisa branca no pateo.

—Vi allí dois pontos brancos? são perolas. A policia não as viu.

Depois approximou-se d'um guarda-fato lindamente esculpido e abrin-do perguntou:

—Quantos vestidos de manhã tinha a condesa Ada?

—Tres, respondeu depressa a condesa Ventura.

—Eu só vejo dois, retorquiu Holmes. Já contou as outras toillettes para ver se falta alguma, senhora condesa?

A velha senhora succediu negativamente a cabeça.

—Não, disse o conde Ventura. Não se veio isto á idia.

—Poco lhe me diga se falta uma ou mais toillettes de sua filha.

A condesa Ventura apressou-se a satisfazer o pedido de Holmes, enquanto o policia esquadrihava o gabinete da condesa Ada. Ao pé d'este havia uma galeria onde estava installada a bibliotheca da joven senhora.

O vestido de soirée que a minha filha trazia hontem falta, disse a condesa Ventura quando o policia voltou.

—Isso é de grande importancia. Vi no chão de marmore da galeria algumas gotas de sangue. Ninguém ainda des por isso, senhor conde?

O conde Ventura teve um sobressalto, a condesa empallideceu.

—Sangue! murmurou ella e correu para a galeria.

—São tres gotas de sangue disse o policia quando a condesa voltou.

—Vi-as. Mas d'onde pôde isso vir?

—A senhora condesa observou tambem que as tres gotas de sangue estão a uma certa distancia uma da outra?

—Sim, terá isso qualquer significação?

—Isso é confirmé. Mas posso eu perguntar para onde dá a porta no fim da galeria?

—D'allí pode-se subir para a torre, respondeu o conde. E' preciso que suba, sr. Holmes que o nosso castello tem mais de 200 annos. Quando o herdeiro meu pa mandei-o reconstruir. A torre entretanto deixou-se tal qual como estava.

—Da torre decerto se pôde descer por uma escada de caracol? perguntou Sherlock Holmes.

—Exactamente. D'allí desce-se para o mar.

—Seria possivel que a condesa Ada fosse raptada por esse caminho?

O conde sorriu-se.

—Isso é de todo impossivel. Tambem a policia me disse o mesmo. Lembra-se, sr. Holmes que a porta que dá para a torre não pôde abrir-se. Não existe

chave nenhuma e eu mesmo nunca experimentei abrir essa porta. A escada de caracol para o pateo do castello, é á precisão atravessado por dentro antes de chegar ao mar. O pateo está guardado por dois baldogs que a noite passados não ladraram. Teria ouvido o mais pequeno barulho porque tenho o somno muito leve.

Sherlock Holmes voltou á galeria e empurrou a porta, mas sem o mais pequeno tremor de pânico que ella cedesse aos seus empuxos. Elle recuou. Nos seus labios via-se um sorriso estranho.

—Não tem suspeita alguma d'uma pessoa das suas relações, senhor conde?

O fidalgo encolheu os hombros.

—Não teria coragem para suspectar de qualquer pessoa, sr. Holmes. Para lhe fallar francamente, dir-lhe-hei que seria uma injustiça para com os meus conhecidos alimentar semelhante idia.

—A nossa filha só tinha relações com algumas amigas, interrompeu a condesa. A nossa filha saia muito pouco, e só se mostrava publicamente quando ia commosso a qualquer baile ou quando iam os theatros San Carlos e Naples. Ada foi-se deitar hontem muito cedo...

Queixou-se de dores de cabeça, mas fôr d'isso estava bem disposta.

Sherlock Holmes continuou as suas investigações.

Finalmente, o conde Ventura, que tinha seguido com a maior attenção todos os passos do celebre policia, perguntou com ligeira impaciencia:

—Então, sr. Holmes, já encontraram um ponto de apoio?

—Sim e não, senhor conde.

—Poderia dizer-me de que maneira entrou um estranho no quarto de minha filha?

O policia succediu a cabeça.

—Isso não sei, senhor conde.

A condesa começou a chorar.

—Oh! meu Deus, sempre temo isso! Assim desapareceu tambem a ultima esperanza que nós tínhamos em si, senhor Holmes!

—Soube pelo chefe da policia que n'esta mesma noite foi assassinado não longe do seu castello um homem, senhor conde, continuou Sherlock Holmes sem fazer o minimo movimento.

—Exactamente, sr. Holmes. Mas isso não tem nada com este caso.

—Como pôde o senhor affirmar isso? perguntou o policia deitando um olhar investigador ao conde Ventura.

—Para onde levou a policia o cadaver d'esse homem?

—Está na casa mortuaria de Capri.

O cadaver já foi reconhecido. Trata-se do barão Arnabaldi, um veneziano muito conhecido que gastou toda a sua fortuna dando cabo da sua saude. Talvez se tivesse envolvido n'alguém desordem.

—Parece que não via com bons olhos esse joven, observou Holmes pegando no chapéo.

—Oh! isso é dizer de mais, mas confesso que elle não tinha a minha sympathia.

—Bom, já sei tudo que me parece ser de importancia, respondeu Sherlock Holmes. Despego-me para

ir visitar a casa mortuária de Capri. Espero que em pouco lhe poderei dar algumas notícias. A propósito, senhor conde, não era o senhor o governador da Sicília há dez annos?

—Era eu mesmo, sr. Holmes. Estive ali justamente durante uma época bastante agitada.

—E' por isso que o seu nome me ficou na memória.

Sherlock Holmes despediu-se e desceu com Harry, seguido pelo conde Ventura, as largas escadas.

O conde acompanhou-os até á porta do jardim. A passos largos dirigiram-se os dois outra vez para Capri.

—Caso estranho, disse Harry, caminhando ao lado de Holmes, que estava mergulhado em profundas meditações.

—Não é de opinião, sr. Holmes, que se trata d'um simples caso de extorsão?

—Isso ver-se-ha. Esqueceste o assassinio do veneziano, de que certo tem alguma relação com o rapto.

—Mas é de todo incompreensível a maneira e o caminho por onde se effectuou o rapto da joven, continuou Harry.

—Não vamos agora quebrar a cabeça com isso, respondeu o pollicia, era principiar mal, queremos apañhar os criminosos, começando as nossas investigações no lugar onde se effectuou o rapto. Temos, ao contrario de procurar vestígios que venham de fóra. Mas vamos depressa, já vejo a torre da igreja de Capri. Espero que ainda não tirassem o cadáver da casa mortuária. Naturalmente será levado para Veneza.

Mas Sherlock Holmes teve sorte. O cadáver conservava-se em Capri n'uma capella subterranea que antigamente servira aos monjes da igreja.

Dois cadáveres estavam estendidos n'essa pequena e humida capella, ornamentada com diversas santas e um pequeno altar. Na cabeceira dos dois mortos estavam duas velas acesas.

Sherlock Holmes aproximou-se dos dois defunctos e levantou o lençol que cobria o corpo e a cara de um velho pescador que tinha as feições contorcidas. O segundo cadáver era o de veneziano. O feto estava cheio de sangue, o rosto pallido, estava tranquillo, as feições demonstravam ainda certa distincção. Os olhos estavam meio cerrados.

Assim, o morto inspirava sympathia, o que não dizia, com as declarações que o conde Ventura fizera a seu respeito.

Sherlock Holmes verificou o cadáver.

Harry Taxon tinha-se sentado a um canto e seguia com o olhar todos os movimentos do seu mestre. Um arripio de horror lhe passou pelo corpo. A capella cheirava a sangue e a podridão.

N'uma das espessas paredes havia uma pequena janella, pela qual se via apenas uma fita de mar azul.

A escuridão da capella era só interrompida pela luz vacillante das velas illuminando as auras rigidias dos mortos.

—O barão Arnabaldi foi assassinado por trax, disse Holmes. O golpe foi dado com uma força extraordi-

naria, perfurando o corpo completamente entre a terceira e quarta costellas.

O pollicia calou-se, e Harry viu com horror uma marca ensanguentada que estava na face direita do morto. Parecia que um poder mysterioso tinha desenhado a causa da morte na face do assassinado.

Tambem Sherlock Holmes não tirava os olhos d'essa marca.

Pareceu no primeiro momento não ter encontrado uma explicação certa, mas de repente viu-se um raio de comprehensão nos seus olhos.

—Como é estranho, disse elle; a descoberta que acabo de fazer anniquilla todas as supposições que tinha feito a respeito da joven condessa Ventura.

—Então o assassinio do barão, sempre tem alguma relação com o rapto?

—Parece-me que sim.

—Não seria possível, sr. Holmes, que o barão Arnabaldi quizesse por acaso imprimir o rapto da joven e fosse assassinado pelos criminosos?

—O barão Arnabaldi foi assassinado por mão de mulher, respondeu o famoso criminalista com voz tranquilla.

Harry deu um pulo.

—Mas como sabe o senhor isso? Acabou de me dizer que o golpe foi dado com uma violencia extraordinaria. Seria uma mulher capaz de praticar um crime d'esse?

—Porque não, retorquiu Sherlock Holmes sorrindo. A pratica que patilhas há muitos annos commigo deve provar-te que a paixão d'uma mulher é muito mais forte e perigosa que a do homem, sobretudo quando se trata de amor.

—Quer dizer com isso, mestre, que a mulher que matou o barão, o amava?

O pollicia fez um gesto affirmativo com a cabeça e o seu rosto tomou uma expressão séria, quasi triste.

—E' isso mesmo. Um amor doído, cego, mettendolhe a arma na mão. Não era vingança nem odio que o fez commetter esse crime. Mesmo depois de morto a assassina ainda o amava.

—Ollas para mim, Harry, como se eu fosse o demónio em pessoa. A explicação, querido Harry, é muito simples. Vês esse sangue nos labios do morto? O golpe na região do coração teve por consequencia que uma gotada de sangue lhe existisse pela bocca quando a vida o deixava. A mulher que o assassinou deitou-se no chão e comprou os labios nos d'elle. E não se contentou com isso! Antes de deixar o cadáver para sempre beijou-o ainda na face direita. Os seus labios tinham-se tingido do sangue do morto; e assim deixou o seu beijo uma marca ensanguentada na face do joven e mais ainda um molde exatto da sua bocca.

—O barão Arnabaldi parecia não ter mau gosto. Raras vezes tenho visto uma bocca tão linda. O labio superior era arredado como o arco da Cupido, e labio inferior é cheio como uma corça madura. As mulheres de Nápoles sempre bonitas devem entretanto haver poucas cujo rosto seja enfeitado com labios tão formosos.

Sherlock Holmes tirou da algibeira uma pequena



faca com a qual fez uma arranhadura no brço esquerdo. Passou o seu sangue para cima da marca-seca que havia na face do morto e imprimiu-o em cima da mão escura.

—Isso é um successo que não se deve desprezar, disse o pollicia.

Agora vamos ver se a pollicia apagou todos os vestígios no sitio onde se deu o crime, e se encontrarmos ainda mais algum ponto de apoio.

Devagarinho por Holmes outra vez o lençol em cima do morto, assassinado d'uma forma tão extranha e tão tragica.

Holmes ia justamente subir a escada que o levava ao sr. livre, quando de repente se ouviu um tiro fi á fira. A esse signal os dois seguiram, depois um terceiro e ao mesmo instante saltou um homem as encostas deitou ao chão Harry que não estava preparado para este assalto, e ficou parado no meio da capella como que atordoado pela escuridão.

Rápido como um raio retirou-se Holmes para um canto escuro e ficou ali sem se mexer.

Na sua excitação o fugitivo parecia não ter dado por ter deixado alguém ao chão, e menos se preocupava de Harry, que seguira o exemplo do mestre.

De repente ouviram-se vozes na escada, acompanhadas do barulho das esporas. O fugitivo voltou a cabeça do esquerda para a direita como se buscasse um sitio por onde fugir. De repente pareceu ter tido uma ideia, conforme as apparencias, queria esconder-se debaixo d'um dos lençols e fingir-se morto para assim escapar aos seus perseguidores. Depressa como um raio arrancou o lençol do cadáver do barão. Mas apenas tinha deixado um olhar ao rosto rigido do morto deu um grito horrivel e recuou. Como para se defender estendeu as duas mãos para o cadáver e repetia o mesmo grito horrivel que parecia vir d'um corpo atordoado.

N'ate momento appareceu no ultimo degrau da escada um official trazendo na mão direita a espada e na esquerda o revólver.

—Tenda-se, tenente Zampieri, não tem outro remédio!

O fugitivo deitou um olhar selvagem ao official, por detrás do qual appareceram tambem uns soldados.

Com um movimento rápido tirou um revólver da algibeira para matar o official. Ouviram-se dois tiros e antes que Holmes se podesse deitar ao fugitivo, deu este um grito como se tivesse sido attingido por um tiro.

Deu alguns passos, cambaleando, deitou ao chão a mesa, em cima da qual estava o cadáver do barão, saltou n'um pulo para cima da estreita janella e tinha antes que os homens aterrorizados o podessem impedir, desaparecendo á fira.

Ouvir-se um baque d'um corpo; depois ficou tudo silencioso.

—Quem é o senhor? gritou o official, dirigindo-se para Holmes.

—O meu nome é Sherlock Holmes, respondeu tranquillamente o pollicia.

O official estendendo-lhe as mãos, disse:

—Que prazer tenho em encontrá-lo; mas o que o trouxe a este horrivel sitio?

—Talvez o mesmo interesse que o senhor persegue, respondeu Sherlock Holmes. Parece-me que é tempo de irmos em procura do tenente Zampieri, como, segundo creio, se chama o fugitivo.

O official aproximou-se da escada de onde os soldados já todos tinham fugido.

—Está bem guardado, senhor Holmes. A capella está construida na montanha no sitio que cabe ingreme até ao Recife que se estende até ao mar.

O official tinha dito a verdade.

—O homem está detido a trinta metros de profundidade sem movimentos em cima do resalto d'um rochedo, capitão, annunciou justamente um dos soldados.

—Isso é fatal, respondeu o official. Com isso parou outra vez todo este negocio, e eu já tinha a esperanza de poder explicar tudo claramente esta noite ao juiz de investigação.

—Tinha o tenente Zampieri alguma relação com o rapto da condessa Ventura? perguntou Sherlock Holmes.

O official mettendo a espada na bainha, disse: —Isso não ainda, sr. Holmes, mas tenho a certeza de que elle é o assassino do barão Arnabaldi. Sherlock assonhou ligeiramente entre os dentes.

—Ahl! o senhor tem alguma prova d'isso?

—Sim, senhor. E o facto de o patife fugir, prova, que todos os argumentos eram verdadeiros. Logo depois de se ter effectuado o crime recebi uma carta anonyma. Meteu a mão na algibeira superior e disse: tenho a aqui, favor de a lêr, senhor Holmes.

A carta dizia:

Ao senhor capitão dos Carabinheiros.

Senhor Anselmo Stellati

«Se tem algum interesse em desmascarar o assassino do barão Arnabaldi, vá immediatamente a casa do tenente Zampieri do 3.º batalhão de cazadores, Strada di Tribunali, 6.»

Holmes entregou a carta ao official encolhendo os hombros, enquanto se encaminhavam devagarinho para o castello do conde Ventura.

—Já sei o que quer dizer, sr. Holmes, interrompen o official. Eu mesmo costume dar pouca importancia a cartas anonymas. O senhor sabe que depois de ter acontecido um crime não nos faltam cartas d'estas, denuncias, bons conselhos e algumas vezes cartas de troça e de escarnio. Apesar d'isso achei não dever pôr este de lado sem lhe prestar alguma attenção. Ao menos era preciso ver se não havia alguma coisa de verdadeiro n'isto. Foi logo depois de ter recebido a carta com dois soldados a casa do tenente Zampieri. Elle estava detido. Tinha deixados os dois soldados no corredor e ordenou á governante que acordasse o tenente.

—Oh, meu Deus! elle precisa tanto de dormir! disse a velha.

—Porquê?

—Oh, elle esteve outra vez toda a noite ausente. Pareceu-me que lhe acontecera alguma coisa desagradável porque, contrario ao seu costume, fez muito barulho ao voltar para casa, e ainda andou algumas horas para baixo e para cima no seu quarto.

—Ah, sim, disse-lhe eu. Então vá anunciar-me ao senhor tenente.

A velha bateu a porta, mas passou-se algum tempo antes de obter resposta.

—O capitão dos carabinieri deseja fallar-lhe, senhor tenente, disse a velha.

O senhor devia ter visto o effeito d'essas palavras. Ouvi distinctamente o salto que o tenente Zampieri deu da sua cama. Ouvi o remechar no quarto, depois ao chão mesas e cadeiras, partir vidros, n'uma palavra, não duvidei que elle tinha tencido fugir. Ordeci então a minha gente que guardasse a janella e bati com a espada na porta.

—Abra, tenente Zampieri, em nome da lei.

—Como não obtivesse resposta repeti ainda duas vezes as mesmas palavras, e dei-me com toda a força contra a porta, que se abriu. Como sou um pouco gordo, caí redondamente no meio do quarto. O tenente Zampieri estava vestido e ameaçou-me de revolver em punho.

—Surprehendido, recuei no primeiro instante com medo; elle aproveitou esse, saltou por cima de mim e fugiu.

—Como a minha gente estava de baixo da janella, estava a porta livre. Corremos atraz d'elle, mas em pouco tempo tinhamos perdido os seus vestigios, e finalmente soube que elle tinha fugido para Capri. Continuámos a nossa perseguição, descobrimos o seu esconderijo e perseguim-o até aqui. O resto já o sabe, sr. Holmes.

—Isso é na verdade uma historia muito mysteriosa, disse pensativo Holmes, o caso começa a embrolhar-se cada vez mais.

Tinhão chegado a um sitio descoberto d'onde se avistava d'um lado o mar e do outro o castello do conde Ventura. Entre palmeiras e cypristas, erguiam-se paredes brancas do magnifico castello. A primeira vista podia ver-se toda a frente. Um atalho estreito atravessava o sitio, que formava o ponto mais alto de Capri.

—Aqui foi assassinado o barão Arnabaldi, declarou o official.

—O commissario descreveu-me distinctamente o lugar.

—A poça de sangue onde esteve deitado o barão Arnabaldi, está ainda visivel, exclamou Harry que tinha investigado o sitio.

—Par um grande transtorno para as nossas investigações este sitio ser justamente o lugar onde se encontram mais pedras, retorquiu o capitão Steltati. Não se pode descobrir o mais pequeno vestigio.

Sherlock Holmes não respondeu a esta observação. Bateu-se, verificou as pedras, levantou-se, rendou o sitio do crime, andou um dex passos em direcção do castello, voltou outra vez, andou em zigzagues, e voltou para tras, e voltou finalmente para o sitio onde

estava o capitão e os seus companheiros que o olhavam ora com ar de troço ora com admiração.

—Mas que movimentos extraordinarios foram esses? perguntou Steltati.

—Não terá sorte, sr. Holmes; lembro-me agora d'um caso identico que se deu ha cinco annos. D'essa vez foi raptada a filha d'um grande proprietario, e apesar da policia fazer todas as diligencias para salvá-la, foi encontrada dias depois enforcada em Herclunum.

—A condessa Ventura esteve aqui parada durante uns instantes, e correu depois para o castello, disse Sherlock Holmes, olhando por cima do capitão como se elle não existisse.

O official abriu os olhos muito admirado.

—O que! Mas isso é impossivel, sr. Holmes, Creio que o senhor não sabe fazer bruxaria? Como quer ler nas pedras, que a joven senhora esteve aqui e que voltou outra vez para tras? E se voltou para o castello, porque desapareceu então? Em volta d'isso temos de acreditar que o barão Arnabaldi foi victima da joven senhora.

—Elle trahia um vestido com canda comprida, continuou Holmes.

Em seguida correu para um silvado espesso, parou na beira do lugar onde os rochedos se inclinavam para o abismo, deitou-se no chão e olhou para o mar.

Harry tinha o seguimento e imitava-o.

—Lá em baixo esvoaçava um vau, sr. Holmes.

Realmente viu-se em cima d'um arbusto, que se erguia, no resalto d'um rochedo, um vau branco, ondulado ao sabor do vento.

Então o capitão aproximou-se tambem seguido pelos seus subordinados.

—Explique-me, sr. Holmes, o que significa tudo isso?

O policia levantou-se.

—Mande um dos seus soldados ao castello buscar uma corria, Mas é preciso que seja bastante comprida para que eu possa deoer o delicte. A condessa Ventura passou quando fugia do barão Arnabaldi por cima da poça de sangue com a canda do seu vestido. Encontrei em cima das pedras algumas vestigios de sangue, umas tiras apenas visiveis produzidas pelo arrastar do vestido da assassina quando ella fugia do sitio do crime. A meio caminho do castello voltou-se para a esquerda e dirigiu-se para o abismo. Lá em baixo vejo mover-se ao vento um bocado do seu vau.

O capitão, sacudindo a cabeça, deu ordem para irem buscar uma corda.

Cinco minutos depois já estava á disposição de Holmes.

O policia enrolou a em volta d'uma arvore, e emquanto os homens lá em cima a seguravam, Holmes deixou-se descer para o abismo.

Uma vertigem, uma fraqueza momentanea traxeram-lhe infelizmente a morte, e entretanto elle descia sempre mais para baixo. Por cima da sua cabeça pairava um abutre, por cima d'elle gritavam as gaiolas. A espuma do mar saltava-lhe á cara... Aporeta tinha attingido um plateau, que se estendia para o mar n'uma altura de um metro. Estava tinto de san-

gue. Quando Holmes se debruçou por cima do rochedo e olhou para baixo, avistou um sapato bordado, que se movia como um barquinho em cima da agua. Mas foi-lhe impossivel apanha-lo sem se expor ao perigo, porque a corda roçando pelo rochedo podia quebrar-se; por isso deu o signal para ser igado.

Harry era o que estava mais perto do abismo; por detraz d'elle estava o capitão com os soldados.

Sentiu-se um puxão na corda, signal que deviam irar Holmes para cima.

—Com muito cuidado puxaram a corda de vagarinho, Holmes aproximava-se da plateau. Agora estava pouco mais ou menos a meia altura e pairava por cima do rochedo. Solvra a sua cabeça avistava o rebordo do plateau, por cima d'elle o céu azul.

Por acaso olhou Harry para a lado onde a lingua de terra de Faraglioni se estende pelo mar dentro, teve um sobressalto, a corda escurrou-lhe quasi das mãos; um suor frio percorreu-lhe o corpo inteiro e não pronunciou uma unica palavra. Isto não passou despercebido ao capitão, e tambem elle seguiu a direcção dos olhos de Harry. O mar formava ali uma grande bahia. Do lado esquerdo onde a terra se estendia atravez, viam-se uns rochedos desertos e sem arvores. N'um dos pontos mais salientes estava um homem cujo rosto não se podia reconhecer. Trazia o costume napolitano. N'tão deixou-se cair sobre um joelho e encostou o outro contra o rochedo e levantou devagar uma espingarda até á altura da cara.

Instintamente diligenciaram os homens puxar Holmes a mais depressa possivel.

—Mate-o! paf! gritou o capitão para os seus soldados. Na sua excitado esqueceu-se que elles assim teriam deixado a corda, e que Harry e elle não teriam bastante força para puxar o policia. Apesar de tudo um dos soldados largou a corda e pegou no revolver. Mas era impossivel que a bala attingisse o napolitano; para isso era preciso uma boa arma que tivesse esse alcance. De mais o atirador tinha desaparecido, porque adhiarava a intenção do soldado.

Harry sentiu o coração parar, viu Holmes exposto ás balas d'um assassino, sem possibilidade de se machear, nem receber auxilio. Do outro lado dos rochedos levantou-se uma nuvensinha. Harry puxou com toda a força, de repente caiu assim como os soldados para tras, um bocado da corda saltou como uma serpente por cima d'elle, o atirador tinha cortado a corda com um tiro, Sherlock Holmes tinha caído no abismo.

CAPITULO II

O Romano mysterioso

Tinhão-se passado uns dias depois de que acabamos de contar, quando o capitão Steltati de Carabinieri entrou na villa, para onde o conde Ventura se tinha retirado com sua esposa. A villa estava situada

em Sanazzara que fica a um kilometro de Napoli, e immediatamente recebido pelo conde Ventura.

Esse estava assentado n'um alto fauteuil. A elasticidade do seu corpo tinha desaparecido, parecia um velho. O olhar não tinha brilho, as faces caídas. A condessa estava sentada á janella e olhava tristemente a natureza serdiente.

—O senhor conde mandou-me chamar, perguntou o official, aconteceu alguma coisa de novo?

—Sim, mas em todo o caso não sei que significação hei de dar a esse facto. Conforme a participação de Holmes temo que a nossa filha já tenha morrido. Não foi devido a um milagre sem igual, que elle mesmo caçou da maquinação do tal poder mysterioso o que a perseguiu?

—Para dizer a verdade, senhor conde, foi mais a sua agiliade pessoal que o salvou. N'os fomos só nós que vimos o atirador tambem elle viu levantar e descarregar a espingarda. Percebeu que o patife queria atirar a corda com um tiro para o precipitar no abismo. No momento em que elle viu levantar a nuvem branca, deu um balance com toda a sua força contra os rochedos de maneira que foi cair, evitando o rochedo, directamente no mar, e como é um nadador distincto foi-lhe facil alcançar a terra firme.

—Sabe alguma coisa, capitão, das medidas que Holmes entretanto tomou?

—Nunca mais ouvi fallar n'elle senhor conde. Elle toma sempre medidas contrarias ás das autoridades. Deixei tranquillamente o caso ao meu encargo. Se ainda ha alguma salvaguarda possivel ella está feita por mim.

O conde tirou da algibeira um bocado de papel e entregou-o ao capitão. N'este papel estavam escriptas com mão inepta as seguintes palavras.

Ao senhor conde Luigi Ventura

NAPOLES

«Eu, o chefe dos Camorra, membro da Mão Negra em Nova York e raptor de sua filha, intimo-o a pagar-me um resgate de um milhao de liras. No caso de me mandar essa quantia pouparei a vida de sua filha e mandarei a-bel immediatamente para sua casa. Mas se o senhor se nega a pagar-m os dinheiros mandarei matar sua filha deixo de horribes torturas.

«Não se atreva a perseguir-me. A sorte da presa depende do que fizer.

«Na noite de dezesete está amarrado um coto preto á porta de sua casa. Esse coto terá em volta de pouco uma correira na qual está presa uma bola de coiro. Dentro d'essa bolsa mettá o dinheiro e deixe correr o coto. Elle encontrará o camião e irá ter comigo.»

O Napolitano vermelho.»

O capitão virou e revirou indeciso o papel d'um lado para o outro.

— Foi então para extorquir dinheiro. A ideia do cão não é má, não.

— Nós sacrificamos de bôa vontade um milhão de liras, interrompeu a condessa, para encontrar e apertar a nossa filha nos braços. O que somos sem ella n'este mundo? Nós poderemos apesar de perder essa enorme quantia dar-lhes ainda um dote de outro milhão.

— O resgate não será necessario, senhora condessa, disse o capitão furioso, nós apanharemos o patife na armadilha que elle nos quer armar. Temos primeiramente que amarrar o cão, e mesmo que não apanhemos o principal culpado, apanharemos um dos seus complices e já ganharemos muito com isso.

— Não entendi para medidas violentas, disse suspirando a condessa, lembre-se da sorte que espera minha filha.

— Também não querás certamente, minha querida, que nos entreguemos de mãos ligadas aos criminosos. Se hoje exigem um milhão, amanhã pedirão dois ou tres.

Um criado entrou annunciando um official de diligencias, que entrou em seguida.

— O senhor inspector da policia mandou-me aqui, senhor capitão. Chegou uma carta, assignada por um tal Napolitano vermelho, ameaçando martyrisar e matar a filha do senhor conde, no caso de alguém se atrever a perseguir-o. O senhor inspector desconfia que se esteja planejando outra patifaria e que queiram primeiramente metter medo á policia. Manda-lhe dizer, senhor capitão, para vigiar cautelosamente a casa do senhor conde durante alguns dias.

— Está bem, respondeu Stelletti. Já começa a acasotear, e parece-me inútil mandar vir soldados da cidade, poderia dar nas vistas. Também eu não espreitarei porque o criminoso de certo me conhece.

— O senhor conde tem um fato que possa pôr á disposição d'este homem?

— O conde que não sabia onde queria chegar o capitão, respondeu que sim.

— Querias que este homem vestisse o fato e disfarçasse um pouco a cara e espreitasse aqui perto. Se o criminoso se atrever a assolar o cão á porta, o official terá occasião de o atacar. Eu estarei espreitando por detraz das persianas corridas até que um signal seu me avise que o bandido está apanhado.

— Essa ideia é de primeira ordem, retorquiu o conde Ventura, mas o official já está vestido á paisana.

— Muito bem. Mas eu estou desconfiado que os assassinos já estão á vigiar a casa para ver se nós puchamos aqui, depois da recepção d'essa carta, um soldado para vigiar. Se elles vierem, que o homem que entrou aqui, sea outra vez, seguiu-o-lhe. Ao contrario não prestarão attenção a um homem estranho que se retira indifferentemente.

Depois, dirigindo-se ao official de diligencias, o capitão, disse:

— O senhor de certo terá occasião de voltar outra

vez aqui, de fórma a não deixar um só momento o ponto de vista.

A's suas ordens, capitão.

Em seguida o official de diligencias retirou-se. As persianas foram corridas. O conde Ventura preparou a pistola, o capitão poz-se junto da porta, para assim poder logo saltar para fóra, a espada n'uma das mãos e o revolver na outra.

Uma hora apoz outra se passou sem que se ouvisse ouíra algums.

Ouvio-se a meia noite, a uma, duas, tres e quatro horas.

Já começava a amanhecer. O conde tinha-se deixado dormir ao pé da pistola, e o capitão Stelletti já não se podia manter em pé. A rua começava a animar-se.

Os gritos dos vendedores chegavam ao quarto onde estavam os dois. De repente entrou um criado dizendo:

— Senhor conde, deante da porta está um cão preto atado, que está a gaurir ha mais de uma hora certamente.

O conde deu um pulo, o capitão Stelletti mettes a espada na bainha e soltou uma praga horrivel. Todos correram á porta e viram realmente um animal horrendo que estava preso á porta do jardim.

— Mas onde está o patife que mandei vigiar a porta? perguntou o capitão furioso enquanto os seus olhos buscavam por todos os lados o official de diligencias.

— Approximou-se d'elle então um pequeno moço de freies e disse:

— E's tu o capitão Stelletti?

— Sim. Primeiramente faz favor de me fallar com mais respeito.

— Tenho uma carta para ti, capitão.

Entregou então ao capitão um sobrescrito do mais fino papel, d'aquelle que só a aristocracia italiana usava. Admirado o capitão abriu a carta. O conde leu por cima dos seus hombros:

«Ao capitão Stelletti dos Carabineiros.

«E's sem duvida, capitão, tão grande heroe como parvo. Se és tão valente como estúpido, podes ter proclamado o maior heroe de Naples. Mas lembra-te que homens como tu, não se podem medir com o Napolitano vermelho. Esta vez escapas, e ficas só envergonhado, mas para a outra não respondes pela tua vida. Faz o que te ordeno na ultima carta e não impigas o conde de mandar o dinheiro. Agradeço ao senhor conde o fato que me mandou. Nunca julgues, capitão, que me proporcionasses um negocio tão bom.

«O Napolitano vermelho.

O capitão evitava olhar para o conde que estava effrenoso em casa rangendo os dentes de furia.

O capitão Stelletti não era covarde e estava bem decidido a desforçar-se como que isso lhe gustasse a vida; mas não disse a ninguém o que tentava fazer.

Enquanto o conde foi ao banco buscar um milhão de liras em notas de banco, mandou selar um cavallo levou o até um atalho que estava situado a uns vinte passos da villa e esperou immovel.

Viu voltar o conde, e cinco minutos depois saindo da casa um cão preto que tinha em volta do pescoço uma fortuna. O capitão saltou para o cavallo e seguiu o cão.

Corrida como essa nunca os napolitanos tinham visto.

O animal atravessou Naples. O capitão seguia-o a grande galope.

Senão fosse um official dos Carabineiros, de certo teria sido preso e fadado por um doido. Mas assim, fugia tudo aterrorizado.

O cão atravessou o mercado, saltou por cima d'algunhas tendas e continuou a correr. O capitão entrou nos meios da rua de costas de fructa, deitou ao chão umas vendedeiras e continuou a sua corrida seguida dos gritos de furia das suas victimas.

O cavallo tinha estado muito tempo na cavalleria, era de puro sangue inglez, e estava habituado ás corridas.

Como o capitão só vivava o cão preto, não fazia caso do caminho. E como se o animal percebesse que era perseguido não corria só pelas estradas, mas saltava por cima de muros, sebes, através de jardins e pateos, e o capitão seguia-o por toda a parte para não o perder de vista.

Toda a gente estava espantada d'esse estranho espectáculo.

O cão deixou a cidade, seguiu a estrada e correu ao longo da paria. Deixou atraz d'elle Portici, Granelle, Resina, Torre del Greco, Torre dell'Annunziata e dirigiu-se para Pompeia.

Mas tambem aqui não parou o cão.

Suando, vermelho de fadiga, o capitão seguia sempre o animal.

Tinha solto a sua pistola mas sem ter occasião de se servir d'elle. Agora o cão tomara a estrada que conduzia a Bosco Reale e d'alli para a cidade.

As portas, as casas, as paredes, tudo estava cheio de cartazes e panos que annunciavam os espectáculos de circo Donatello.

O cão correu pelo meio da cidade e approximou-se d'uma praga onde estava construida uma grande tenda branca. Bandeiras multicolores voavam ao vento, a musica tocava.

O cão subiu uma escada de madeira, provisoria, e desapareceu no interior da lareira.

O capitão fazia esforços inuteis para retor o cavallo. O nobre animal tinha comprehendido que era preciso alcançar o cão.

N'um pulo saltou acima do estrado de madeira, deitou ao chão a caixa assim como a mulher que ali estava sentada, passou por cima d'alguns parapetos, e encontrou-se no mesmo instante no meio do circo de

onde os palafreiros, os clowns e o publico fugiam por todos os lados cheios de medo.

Não trapeio estava sentado um homem vestido á maneira dos saltimbancos mostrando as suas habilidades.

O cão ficou sentado no meio do circo e olhou para o seu dono que saltou do cavallo, livido e fazendo esforços para fugir.

Finalmente ponde a explicação desejada ao director que se lamentava do mau trato que sua mulher soffrera na caixa.

— Em nome da lei. Não tentes resistir miseravel. E a ti que pertence o cão?

O artista estava tão surprehendido que não teve coragem de negar.

O publico e os palafreiros já estavam um pouco mais tranquilos.

O capitão desu a explicação desejada ao director que se lamentava do mau trato que sua mulher soffrera na caixa.

O artista foi amarrado pelos seus proprios collegas. O capitão alçou a coroa com a qual eram ligadas as mãos do artista ao arço da sella do cavallo e atou do outro lado o cão, saltou para cima do cavallo e afastou-se de Bosco Reale.

Não queria dar a gloria a ninguém de entregar o criminoso á justiça e decidiu-se a aproveitar em Torre dell'Annunziata o comboio até Naples.

Poz o cavallo a trote para fugir ao publico que o seguia através das ruas e deixou correr o criminoso ao lado d'elle.

Promptamente atravessou a cidade e meia hora depois approximava-se com os seus dois presos das ruínas de Pompeia.

O sol tinha-se escondido por detraz das nuvens. Approximava-se uma trovada. Grossas gotas d'agua caíam. As ruínas estavam abandonadas. Não se via viv'alma.

Fraza ventania soprava e levantava uma poeira horrivel.

O capitão tinha o revolver na mão para responder á mais pequena tentativa de fuga do criminoso.

De repente quando o grupo voltou uma esquina, appareceu um homem deante d'elles que com um unico movimento da mão fez parar o cavallo. Este empoeu-se de maneira que o cavalleiro quasi caiu, depois parou tremendo.

No meio da estrada estava um ser estranho montado n'um cavallo preto. A cara selvagem, mas entretanto nobre, estava sombreada por um passado capote doirado.

O pescoço forte e a nuca estavam descobertos. O sol reflectia-se n'uma couraça dourada que lhe cobria o peito.

O mysterioso cavalleiro estava sentado no cavallo sem sellas e sem reides, e guiava-o com uma leve pressão dos joelhos.

Parecia que tinha voltado do tempo em que Pompeia era ainda uma cidade cheia de vida.

O homem fazia uma impressão duplamente mysteriosa na solidão d'esse sitio ao fundo da cidade destruida.

— Descal' ordens elle.

Apesar do capitão Stelletti, como já dissemos, não

ser um cobardo, impressionou-o essa apparição mysteriosa de tal maneira que esteve incapaz durante um momento de resistir.

Quando finalmente se lembrou de fazer uso da pistola era tarde de mais. O revolver do Romano brilha a luz pallida.

O homem mysterioso parecia uma estatua em cima do cavallo preto; nem elle nem o animal se mexiam.

O capitão livido de vergonha e furia fez um movimento para tirar a espada. A cara de Romano tomou uma expressão horrivel.

—Desce! ordenou elle pela segunda vez, ou, então, capitão, é um homem perdido!

Não foi só a ameaça mas tambem a impressão pessoal e dominante que fizeram effeito tal sobre o capitão que elle sem mais hesitar fez o que o outro lhe ordenava. Havia uma coisa de dominativo n'este homem phantastico, que parecia não fazer parte da actualidade. O capote cobria-lhe a alta testa. Por cima das grandes orelhas que fascinavam, arrastavam-se fortes sobriboas, por baixo do nariz adunco via-se um bigode escuro.

Romano não era de todo desconhecido ao capitão, apesar de estar hoje pela primeira vez defronte do homem terrivel. Já tinha muitas vezes ouvido falar d'elle. Estrangeiros que tiveram a coragem de visitar sem guia as ruínas de Pompeia, fallavam admirados, ouviam-se as risadas dos espiritos, que de noite, quando a luz da lua passava pelas ruas abandonadas de Pompeia, passeavam.

De vez em quando ouvia-se fallar d'um assassino mysterioso, viajantes desapareceram para nunca mais voltarem a luz do dia. A policia recebia mais de um aviso sobre o mysterioso Romano, Pompeia e Herculano foram visitados minuciosamente pela policia mas nunca ninguem teve a sorte de ver Romano e ainda menos de o prender.

E agora impedida em pleno dia, o caminho ao chefe dos carabinheiros!

Tangendo os dentes estante elle desante do cavallo esperou a morte.

De repente deu Romano um assobio agudo; cujo som fez affiar as orelhas do seu cavallo. Depois passou-se um minuto, e de subito como se tivessem saído da terra, appareceram mais duzia de patifes atrevidos e approximaram-se do grupo.

—Ligiem o capitão ao cavallo, e immediatamente foi currida a ordem.

—Penham-nem em cima do cavallo! exclamou o homem mysterioso. O capitão foi então puxado para cima do cavallo sentado de costas, ligado ao cavallo que se empinou e que só a grande cunha pôde ser mantido. Entretanto tinha um des do bando verificado a mais do capitão e entregado com um grande grito de fúria a enorme quantia ao Romano. Sem fazer qualquer movimento de cara fez este desaparecer o maço de notas de banco debaixo da couraça.

Isso foi tudo o que o capitão pôde ver, porque de repente retiraram-se os bandidos e um d'elles deu a forte chicotada ao cavallo, que se empinou e em seguida começou a correr coido, tomando o caminho que tinha percorrido de manhã; em pouco tempo chegou

a Naples. Os habitantes não ficaram muito admirados ao verem o capitão dos carabinheiros de manhã tinha feito tanta desordem ligado e detido de costas em cima do cavallo percorrendo as ruas a galope. Só no meio da cidade foi possível fazer parar o animal espantado. O chefe dos carabinheiros foi tirado e levado para a policia onde contou a sua aventura.

Uma hora depois galopava elle outra vez á frente d'um grupo de soldados armados, na direcção de Pompeia, para prender custasse o que custasse o mysterioso Romano.

Mas apesar de procurarem horas e horas nas ruas, não foi possível encontrar nem um só dos bandidos. Parecia que o chão se tinha aberto para engulir esse bando mysterioso.

CAPITULO III

Uma festa animada

Sherlock Holmes estava sentado no seu quarto do hotel, Tinha ficado de cama durante alguns dias devido á queda que dára na cabeça de Capri. Apesar de poder no ultimo momento por um movimento agitar saltar para o mar, tinha roçado por uma pedra e ferido-se bastante gravemente na cabeça.

Estava portanto sentado, ainda muito pallido, no seu fauteuil fumando no cachimbo. O fumo azul formava nuvens enxutas em volta d'elle fazendo desaparecer todos os objectos que o rodeavam e a elle mesmo os seus pensamentos o separavam do mundo, dando-lhe occasião de se entregar completamente ao caso de que se occupava.

A entrada de Harry interrompeu o asilamento dos seus pensamentos.

—O conde Ventura manda perguntar a sr. Holmes, se está disposto a recebê-lo, disse elle approximando-se do mestre.

O policia por de lado uma pequena estatuetta de bronze, apenas da grossura da sua mão sobre o qual tinha repousado os seus olhares até agora, e disse:

—Manda-o entrar, Harry.

Holmes lançou ainda um olhar á estatuetta, que representava um guerreiro, que de certo tinha mais de dois mil annos. N'isto bateram á porta e o conde Ventura entrou no quarto.

—Peço-lhe para não se incomodar, disse elle, quando que Sherlock Holmes ia levantar-se. Poupe-se! Decerto precisa ainda bastante repouso para melhorar por completo.

O conde sentou-se na cadeira que Harry lhe tinha offerecido e tirou as luvas.

—Já ouviu fallar de que succedeo ao capitão Stollati? perguntou o conde.

O policia fez um signal affirmativo.

—Não se podia esperar outra coisa, senhor conde, porque tudo que fez o capitão foi ao contrario.

—Mas elle prendeu o homem que me extorquiu um milhão de francos, respondeu o conde Ventura.

—Muito bem.

—E se elle tivesse a sorte de levar o homem á cidade, decerto teriamos noticias sobre o lugar onde se encontra minha filha.

—Sherlock Holmes sorriu-se.

—Não acredito isso, senhor conde.

—Como? O homem que soube apanhar d'uma tal maneira o seu dinheiro decerto também rapto a minha filha! Agora logic com os seus complices, e decerto não se deixaria apanhar.

Holmes encolheu os hombros.

—Não acredito que o artista que o capitão prendeu com tanto trabalho, fosse um grande criminoso. —Então não o comprehendendo, sr. Holmes.

—Talvez ainda não ouvisse dizer que uma patrulha que passou esta manhã por Pompeia encontrou um homem completamente furado pelas balas?

—Como, um novo assassinio?

—Sim, mas isso não é o mais estranho. O morto foi reconhecido como sendo o tal artista que o capitão prendeu.

—Isso é incrível.

Sherlock Holmes sacudia a cabeça.

—Não esperavamos isso. Ordenei á policia para fazer todo o possível para apanhar o tal artista. Mas como foi impossivel encontrar qualquer vestigio d'elle, pensei logo que tinha acontecido qualquer coisa. A proposito, sr. conde, vai esta noite com os seus esposos á festa de caridade que se realiza no palacio do principe Aliprandi?

—Oh! meu Deus, isso dava nas vistas, sr. Holmes, ir com minha mulher a um divertimento publico depois da fatalidade que nos attingiu!

—Mas foi justamente para fallar d'isso que vim aqui.

—Al aconteceu qualquer coisa de novo?

—Sim, mas não quero avisar a policia d'isso. Se alguem poder fazer qualquer coisa n'esse caso mysterioso, será o senhor; tambem compreendo que não devamos deixar desanimar minha mulher. Desde que desapareceu minha filha ella anda sempre melancolica; toca apenas nas comidas, não diz palavra e chora sem parar. Hoje é o dia d'annos d'ella, e finalmente convencei-a a ir hoje comigo, á festa que, em summa, é uma obra de caridade. Ao menos distrahir-nos hamos um pouco e passaremos umas horas durante as quaes não poderiamos fazer nada que pudessem servir d'alguem coisa a nossa filha.

—A senhora condessa decerto recebeu muitos presentes, que distrahiram os seus pensamentos.

—Sim! Nós temos tantos amigos e parentes que o corredor do nosso palacio parecia esta manhã um jardim de flores. Minha mulher, na verdade, já estava um pouco mais conformada e consolada pelas provas de sympathia e pelas palavras de compaixão que lhe chegaram de todos os lados, quando de subito recebeu um presente que a por fôr de si.

—Estou ansioso por saber, senhor conde, de que se trata.

—Justamente quando minha mulher estava no terço a olhar para o mar, triste e pensativa, appareceu um moço trazendo lhe um grande ramo de flores, no meio do qual estava um estylo e uma carta.

Com indifferença a pôr as coisas sem mesmo as abrir, no pé dos presentes, quando lhe deu na vista o monograma do sobrescripto.

«Ella estremeceu, porque, imagine, sr. Holmes, que o sobrescripto estava fechado com uma caveira.

«Ella não presumindo coisa boa, abriu a carta e o estylo. Apenas tinha deitado um olhar sobre as duas coisas, desmaiou.

Assim a encontrei quando a procurei no jardim. A carta dizia o seguinte:

Senhora condessa!

Como sei que festeja hoje o seu anniversario, permitto-me juntar aos presentes que devo ter recebido de seus amigos e amigas, uma pequena, mas inapreciavel lembrança. Mando-lhe o anel de sua filha Ada e juntamente os parabéns da joven e igualmente os meus. A condessa Ada será minha esposa. Depois de effectuado o enlace, dar-me-hei a conhecer. Pelo meu presente pede reconhecer que terá um genro amavel e discreto.

O desconhecido.

O estylo continha na verdade um anel simples, que a condessa Ada tinha recebido ha annos d'uma amiga intima do convento, onde as duas foram educadas, e do qual ella nunca se separava. Sabemos portanto quanto lhe era querida essa joia.

Tambem pôde imaginar, sr. Holmes, que prazer doloroso sentiu minha mulher quando pôs do dedo o anel que tinha sempre visto na mão da sua querida filha. Sempre lhe digo, o criminoso, que fez a desgraça da minha casa, brinca cruelmente e sabe dar um golpe mortal mesmo de longe.

Sherlock Holmes poz a cabeça entre as mãos e meditou. Parecia haver uma coisa que elle não chegava a comprehender, porque de vez em quando sacudia a cabeça.

—Não chegou mais carta nenhuma na qual pediam dinheiro?

—Não, sr. Holmes.

—Então, sr. conde, venha esta noite ao baile e traga sua esposa. Parei todo o possível para a animar. A minha filha impedia-me de proseguir immediatamente com toda a energia, como eu costumei fazer, o estranho e mysterioso caso. Mas a partir d'hoje o criminoso não terá um minuto de repouso até termos a victoria do nosso lado.

—O que diz, sr. Holmes, quer ir ao baile?

—Sim. Admira-se d'isso?

—Mas e senhor está ferido!

—Isso não é um obstaculo sr. conde. Irei como a cabeça ferida para o baile. Naturalmente tratarei de me distrahir o melhor possível para não ser reconhecido.

—Temme um golpe de violencia?

—Isso não. Eu mesmo tenciono dar um.

O conde Ventura olhou admirado para Holmes.

—O senhor julga portanto que um dos criminosos desconhecidos irá a essa festa? Isso é de todo impossivel!

—Já devia ter visto que as possibilidades n'esta

essa tem poucos limites. Mas como me pergunta directamente, quero também responder-lhe directamente. Vou experimentar esta noite descobrir a chave d'um enigma, que até agora esteve valado por um dosso véu que os meus olhos não podiam ainda penetrar. Neste momento estou o donde uma pequena figura de bronze que Holmes tinha collocado em cima do parapeito da janella.

—Ha tambem coisas que fallam, proseguiu Holmes. Não são só as pessoas que fazem acôrds suspeitos, que são mysteriosas; ha tambem coisas que nos impressionam d'uma maneira estranha.

—Umas impressões d'essas sentença a este momento o conde Ventura. Elle miroo durante muito tempo o guerreiro que apenas media uns dez centimetros.

—Se não me engano, sr. Holmes, é isto uma estatuetta muito antiga.

—Exactamente, é antiquissima.

—Como está bem conservada essa pequena obra d'arte! Parece ter vida!

—Encontrou a palavra propria, sr. conde. Essa pequena obra d'arte tem a sua linguagem.

—Não o comprehendendo, sr. Holmes!

—Holmes pegou na estatuetta e voltou a de maneira a apresentar a sua base ao conde.

—Mas aqui ha um sello gravado, exclamou Ventura admirado.

—Sim, uma caveira.

O conde Ventura fez-se pallido.

—Uma caveira? E' então o mesmo sello que minha mulher recebeu hoje?

—Sim. Encontrai esta estatuetta, que representa um grande valor a cem passos do seu palacio. Não fallai a ninguém do meu sobrado, porque finalmente só tem valor para mim.

—Já disse que esta pequena coisa tem a sua linguagem. Naturalmente é preciso comprehendel-a. Verifique, sr. conde, uma vez mais, minuciosamente o pé da figura.

Elle então examinou a de todos os lados.

—Não descubro nada, sr. Holmes.

—Não vê então os signaes que estão feitos com um alfinete?

—Sim, agora vejo.

—Com o auxilio d'um mycroscopio foi-me facil de cifral-o. Ha ali um doze e um zero, quer portanto dizer vinte. Ao lado d'isso está escripto, distinctamente, lendo de traz para deante, Aliprandi.

O conde Ventura deu um pulo.

—O que? Mas o senhor quer dizer...

—Quero somente dizer, respondeu o policia tranquillamente, que os dois assassinos de que eu suspetto, se correspondiam d'esta maneira. Como parece, elles moram longe um do outro e não confiam a sua correspondencia a ninguém. E por isso aproveitaram do sello ao qual elles confiam as suas noticias. Eu explico logo da seguinte maneira: Elles escrevem uma carta qualquer insignificante, focham o subscrito e ao sello trazem signaes combinados. O assassino a quem pertencem essa figura, queria levar uma d'essas noticias e perdeu a figura. Mas apesar d'isso tenho a certeza de que elle encontrou outro meio para fazer

chegar as suas noticias a sua verdadeira direcção. O que eu deifico d'essa noticia é o seguinte: Encontrar-nos-hemos no dia da vinda, em casa do Aliprandi.

O conde abixando a voz disse:

—Mas o sr. Holmes julga possivel que Aliprandi seja um criminoso?

O policia sorriu-se.

—() senhor conde esquece que Aliprandi dá esta noite um baile.

O conde Ventura olhou admirado para Holmes mas não lhe dirigiu mais perguntas. Levantou-se e compelliu-se a despedir-se de esse homem estranho chegará ao seu fim.

—Até á vista, senhor conde, disse o policia. Desculpe não o acompanhar.

Apenas tinha o conde saído pôz-se Holmes a fazer a toilette.

O baile em casa do principe Aliprandi estava brillantemente frequentado. O palacio estava situado n'um dos bairros mais aristocraticos de Napoles, em Corso Humberto. Deante do palacio carnageas e automoveis chegavam constantemente. A sala estava illuminada com mil luzes electricas. N'uma entrada estranha instalada umas muscas miflor italianas. Vastas animadas e outras peças de musica soavam pela sala, e com admiracão olhavam as figuras penduradas nas paredes, para essa multidão animada. Entre os uniformes brillantes dos officiaes italianos luziam as toilettes cor de rosa, brancas e azues das senhoras, cujos rostos animados pela danca estavam ruborizados. De vez em quando via-se scintillar um diamante, e entre o barulho das vozes ouvia-se um riso claro que se perdia pela porta aberta do jardim de inverno onde se apagava de todo entre as palmeiras.

N'este sítio fresco, que era animado por um repuxo, estava um cavalheiro alto e elegante, que observava pela porta de vidro, aberta, a vida da sala. Ninguém a podia ver, porque os olhos curiosos perdiam-se no meio da escuridão das palmeiras.

O joven cavalheiro era uma appareição extranha. Apesar de todos os italianos que estavam na festa, o rosto mais escuro que os francezes e os allemes, que tambem ali estavam, fez-se esse homem ainda mais pálido. Em rosto quasi bronzeado. A cabeça era como uma luva no seu corpo elastico e entretanto parecia não ser esse o vestuario habitual do homem que pertencia certamente a uma zona extranha. O cabellito d'um preto azulado fazia uns caracões em volta da testa. Mas o que atraia immediatamente todos os olhares era uma calceta fina de ouro que elle tinha em volta da cabeça e que terminava por uma enorme perola que pendia na testa chegado quasi ao nariz.

Apenas tinha e mysterioso estranho largado o seu esconderijo e entrado na sala todos os olhares se voltaram para elle. Os homens fallavam baixinho e trocavam impressões, as mulheres examinavam-no com olhares ardentes. Em breve se soube que o estranho era um principe indio, que estava de passagem em Napoles e que fora convidado pelo principe Aliprandi.

O baile era em favor d'uma povoação muito pobre da Italia. A colheita tinha sido má, e temiam-se a fome e a desordem; por isso teve o principe a nobre ideia

de dar uma festa para por este meio auxiliar essa desgraçada povoação.

N'uma segunda sala, defronte dos jardins das palmeiras estavam installadas as tendas para a venda. Ali se viam as senhoras da mais alta aristocracia, vestidas com costumes de varias nacionalidades vender as suas mercadorias por um preço muito alto. O principe tinha habilmente ligado o bazar ao baile, e depois de ter passado a primeira sensação, depois de ter deixado quantias enormes nas tendas, dedicou-se a dar a dança.

Intilmente procuravam os olhos do conde Ventura Sherlock Holmes, o famoso policia.

—Parece-me que o policia apprecio demasiadamente a sua força, disse elle para sua mulher. Elle queria vir as bailes. Em tel-o-lhe conhecido sob qualquer disfarce, mas não a vejo em parte alguma.

A condessa olhava em volta d'ella com olhares fatigados. Tinha-se installado com seu marido n'um camarote d'onde podia observar a sala toda. Quantas vezes tinha elle vindo aqui em identicas occasiões, seguindo com prazer essa animação onde de vez em quando via sua querida filha quando ella vovoa no brago d'um cavalheiro, feliz e contente entre a multidão.

Hoje devia ella regozijar-se da alegria dos estranhos!

—Começo a perder todas as esperanças, disse ella com os labios muito pallidos.

O conde olhava-a com anxiedade.

—O que tens, Francisca? Estás horrivelmente pallida.

—Não sei. Sinto-me hoje mal.

—Os teus olhos parecem maiores que de costume. Têm um brilho estranho. E os teus labios estão lividos.

Elle não respondeu, só um sorriso triste e cansado passava pelo seu rosto.

A alegria da sala tinha chegado ao seu apogeu. Já passava da meia noite. N'uma valsa ardente voavam os pares pela sala.

N'um dos intervallos, viu-se outra vez a figura do principe indio passar pela sala e dirigir-se a uma senhora que até agora não tinha fallado a uma única danca. Estava sentada n'um sofo estreito e stylo imperio. O seu rosto, de feições delicadas, estava vermelho pela excitacão e era animado por dois olhos vivos e negros. A mão branca como alabastro na qual sobressaia as veias moveu vagarosamente um leque. Por detraz d'esta senhora o principe Aliprandi que fallava animadamente com elle, deu a sua cabeça um pouco pra traz e sorriu-se decemente para o principe.

Nos seus olhos via-se um brilho fascinador, ao qual homem nenhum podia resistir.

—Neste momento approximo-me e o estranho.

O principe cumprimentou-o e approximou-se d'elle.

—Venho pedir a v. ex.ª para me fazer o favor de me apresentar a sua esposa, disse o indio com acento doce e estrangeirado.

A joven senhora observava-a com os grandes olhos perscrutadores. Um sorriso voluptuoso lhe passou pelos labios.

—Com muito gosto, Alteza, respondeu o principe, e apresentou:

—Condessa Jessica—Rajah Crisma.

A joven senhora aboanou com uma graça, difficil de imitar, a cabeça, empunço o indio se inclinava profundamente.

—Da me licença de lhe pedir a proxima mazurka, condessa?

—Faga favor de escrever o seu nome no meu carnet, Rajah.

Elle deu ao indio o seu carnet onde este escreveu o seu nome com letras muito direitas.

O principe Aliprandi afastou-se, porque tinham acabado de chegar uns convidados um pouco tardios que elle tinha de cumprimentar. O indio tomou o seu lugar. Cada um dos seus movimentos era nobre, se logo e tranquillo. Todos os homens costumavam curvar-se deante da sua elegancia, dos olhos da condessa, mas d'esta vez parecia ser o indio que fascinava a linda rapariga com o seu olhar. Cada observador podia constatar esse facto nos olhares da joven condessa.

—Ha muito tempo que está em Napoles, principe? perguntou ella fixando o com os olhos ardentes.

—Ha alguns dias, condessa.

—E agrada-lhe a nossa cidade e a nossa sociedade?

—Agrada-me muito.

«Visiei muito, mas é esta a primeira terra onde encontro mulheres tão sympathicas como as filhas do celeste imperio.

«Pela primeira vez se reflectem os meus olhos nos olhos aveludados que distinguem as mulheres indianas.

«A senhora ri-se discretamente.

—E' estranho, principe, que meça a belleza e o valor d'um paiz pelas suas mulheres! Um Allemao de certo teria fallado da nossa armada, um Ingles dos nossos cavallos. Mas o senhor lembra-se logo das nossas mulheres.

Um sorriso passou pelo rosto distincto do principe.

—Admira-se d'isso, condessa? A belleza, a força e o orgulho d'um paiz está no coração das mulheres.

A musica começou. O principe offereceu galantemente o brago á sua dama, e um minuto depois misturaram-se os dois entre os outros pares, dançando.

Ninguém deu por um incidente que se passou entretanto n'um dos camarotes.

Ali tinha-se a condessa Ventura levantado e dito a sua marido:

—Vamos para casa, Luigi, não me sinto nada bem.

—Como tu queiras, Francisca, o teu rosto faz-me medo, estás tão pallida, não seria melhor ir chamar um medico?

Elle tinha-se levantado e queria sair de camarote quando de repente cambaleou.

O conde tomou a sua mão. Estava fria como gelo. Todo o sangue lhe fugiu do rosto.

Elle queria fallar, mas parecia não ter forças para o fazer.

Subitamente procurava apoio, o conde recebeu a os braços.

N'este momento appareceu á porta do camarote um manco. O seu porte elegante era d'uma altura extraordinária e bastante distincta, o seu nariz saltava-lhe uma expressão atrevida, os seus olhos tinham uma expressão selvagem e estranha. Tinha os braços cruzados e deitava um olhar horrível á condessa. A desmaziada abriu mais uma vez os olhos, como se o tal olhar tivesse uma força magnetica sobre ella. Viu então o manco; endireitando-se, estendeu os braços e gritou:

—Luigi, meu Luigi!

Queria dizer mais alguma coisa; os seus lábios abriam-se mais uma vez, com um grito surdo caiu no chão.

Horrorizado, o conde olhou para o sitio onde tinha estado o manco, que tinha produzido um effeito tão horrível sobre sua mulher.

Tinha desaparecido.

Só um dos convidados tinha observado a scena; era o indio que, enquanto dançava com a sua dama não perdeu de vista um só instante o camarote.

A danga tinha acabado, o principe levou a condessa ao seu lugar, pediu-lhe a proxima valsa e retirou-se por uns instantes. O indio precipitou-se immediatamente no quarto para onde o conde e sua criados tinham levado a desmaziada. Ninguém estava ali, nem o principe Aliprandi, que tinha sido prevenido do acontecimento.

—Vá depressa buscar um medico, ordenou elle a um criado.

«Diga aos outros criados que lá fóra não deve saber-se nada do acontecido, queremos encoibir-o».

Queria tambem afastar o principe indio mas esse afastou-se com um movimento de mão.

—Aqui não ha logar para si, Rajah, observou tambem o conde Ventura.

O indio empurrou-o para cima a perola que estava pendurada na testa, e o conde Ventura apercebeu uma cicatriz.

—O meu nome é Sherlock Holmes.

Sem se occupar da admittição dos dois homens ajoelhou-se ao lado da condessa. Depois d'uma curta investigação levantou-se, dizendo, com a mão direita da morte na sua:

—Aqui já não ha auxilio que chegue a tempo; a condessa está morta.

O conde Ventura estremeceu e caiu pesadamente numa cadeira.

—E' impossivel! exclamou o principe Aliprandi, ella estava fresca e bem disposta quando a cumprimentei esta noite.

—Nos olhos e nas unhas pode-se reconhecer que a condessa foi victima d'um veneno, declarou Sherlock Holmes com firmeza tranquilla.

O conde deu um pulo.

—Isso não é possivel! Comi os mesmos alimentos que ella. Ninguém se approximou d'ella. Ha uma semana que não a largo.

Sem dizer palavra, Holmes tirou um anel do dedo da defuncta.

—Conhece este anel?

—E' o anel de minha filha que os criminosos mandaram esta manhã a minha mulher.

O policia accudiu tristemente a cabeça.

—Elle qntem no seu interior um veneno do qual a condessa morreu. Ella foi victima da tal gente que rapta a condessa Aida.

O conde gemeu e o principe Aliprandi cobria o rosto. O policia cheio de ira estava deante da morte, e mordendo os labios disse:

—Os patifes trabalham com meios horríveis. Isto não podia eu esperar. Isto é um assassinio infame e baixo vindo d'uma cidade cobarde. A medida d'esses patifes está cheia de mais. Oh! eu tenho a victoria e vingá-me-hei horrivelmente, conde Ventura. São horas de entrar em combate, com todos os meios que tenho á minha disposição.

As fanfaras soavam pela sala.

A condessa Jessica cobria o seu par. A passos rapidos approximou-se elle da condessa e logo depois voava com ella pela sala.

A linda mulher curvava-se nos fortes braços do indio, que fazia uma impressão estranha sobre elle.

Enquanto elle dançava fixava sobre ella o seu olhar duro sem a largar um só momento. Os seus olhos penetravam nos da condessa e chegavam até ao fundo da sua alma. Parecia que a vontade do seu par tomava posse da sua, e que elle attraia a sua alma aspirando os seus pensamentos.

Quasi como n'um sonho valsava com o seu par entregando completamente o seu corpo ao joven indio que a valçava fortemente. Nem percebeu que elle se dirigia com ella para o jardim das palmeiras cuja fresca escuridão o envolvia. Um vento fresco que lhe passou pelos hombros acendeu-a da sua vontade. Elle teve um sobressalto. O indio estava ao lado d'ella sem tirar o seu braço da sua cintura.

A condessa é um enigma vivo e mysterioso, murmurou elle curvando-se para ella.

Elle sentia o seu halito e um modo repentino, a invadiu.

—O senhor compromette-me, disse excitada, deixe-me voltar para a sala.

—A senhora é minha prisioneira, respondeu o indio. Não a deixo enquanto não me der um beijo.

—O senhor está a sonhar? E' isso ou no seu paiz? Deixe-me, senão grito por soccorro.

O indio deu uma gargalhada. N'um momento enlanguou nos seus braços inclinou-se sobre ella e imprimiu a face direita sobre os labios da condessa.

Elle deu um grito estridente. Na sala houve logo uma grande barafunda.

De repente appareceu deante d'elles um manco, e o mesmo, cuja appareção fez uma impressão tão fatal sobre a condessa Ventura. O seu punho estava levantado e prompto a bater.

—Miserável! Atreve-se a offender uma mulher inoffensiva?

Mas antes que o seu punho tivesse tempo de cair tinha o Holmes agarrado pelo braço e apertava-o com tanta força que o seu adversario morden os labios.

—Não me ensine a respeitar mulheres inoffensivas, respondeu Sherlock Holmes com voz colérica.

Ao mesmo tempo deu um empurrão tão forte no seu aggressor que este recouu alguns passos.

Uma meia dúzia de sujeitos correram para o jardim das palmeiras e cercaram os combatentes. Tambem o principe Aliprandi appareceu.

—O que aconteceu, o que é? perguntou nos que alli estavam.

—Este miserável offendeu-me, exclamou o manco.

—Lamento não o ter castigado pelo atrevimento que teve de levantar a mão contra mim, respondeu Holmes com os braços cruzados.

—Terá de me dar satisfacção, charlatão indio!

—Com muito gosto, respondeu Sherlock Holmes inclinando-se unicamente.

Todas as luzes da sala das palmeiras se acenderam. Todos os homens cercaram o manco que designaram só o nome de marquez de Caserta.

—Ainda esta noite lhe mandarei as minhas testemunhas, gritou o marquez.

—Como quizer, retorquiu Holmes.

Um sorriso de satisfação illuminou durante uns instantes o seu rosto, quando olhou para um grande espelho que estava defronte d'elle. Na sua face estavam marcados dois labios.

A condessa Jessica tinha desaparecido. Tinha como era uso entre as senhoras italianas pintado os labios. E por isso elles estavam impressos distinctamente na face do policia que só queria obter isso com o seu assalto.

Entregou a um amigo do marquez e seu cartão, onde estava escripto o seu nome e o hotel onde se instalára. Depois saiu do palacio do principe Aliprandi. No corredor esperava o e criado indio que lhe poz nos hombros uma linda pelle de marta zebellina.

—Tem cautela, Harry, de não apagar o signal vermelho que está na minha face, murmurou Sherlock Holmes. Estou contente com o meu exito.

CAPITULO IV

Abruxa de Napoles

Apenas tinha Holmes chegado a casa fixou o signal dos labios que estava na sua face, sobre uma chapa photographica.

—E' tal qual, exclamou elle. A condessa Jessica é a assassina do barão Arcahabili. Era ella que tinha os labios mais bonitos de todas as mulheres que estavam no baile. Tambem a intervenção do marquez de Caserta, a sua appareição repentina é suspecta. Vamos ver como tudo isto se desenvolve.

A's tres horas da manhã pouco mais ou menos appareceram no hotel dois aristocratas italianos. Sherlock Holmes tinha prevenido o porteiro e os criados de que appareceria sob o titulo de principe III Crisma.

Os dois aristocratas entregaram o seu cartão e Harry fêl-os entrar para a sala de recepção do policia.

—Vimos em nome do nosso amigo o marquez de Caserta, disse um d'elles, o marquez sendo profundamente offendido pelas suas palavras e a sua conduta desista o para um delles. O senhor accoita e desaffio?

Sherlock Holmes inclinou-se com um sorriso.

—Certamente.

—Como parte offendida tem o marquez o direito de escolher as armas. Julgo, que não terá nada a dizer contra essa regra habitual dos duellos?

Sherlock Holmes respondeu que accoitava tudo isso.

—O marquez incumbiu-nos de lhe dizer que o duello será com espadas afiadas e tortas, e durará até os dois combatentes estiverem incapazes de combater. Se os dois adversarios não tiverem chegado ao seu alva com essa arma, mais hora depois, deverão ser trocadas as espadas por pistolas. A cinco passos da distancia trocam-se hão as balas até os dois adversarios estarem incapazes para o combate. Está d'accordo com tudo isso, principe?

O rosto energico do policia continuou impassivel.

—Está muito bem. Não seria melhor bombardarmos-nos?

Os dois sujeitos fizeram umas caras sérias; estavam muito indignados com aquella estranha maneira de fallar, mas sem fazerem mais caso d'isso continuaram.

—O senhor marquez, disse um d'elles, manda lhe fazer ainda uma proposta que o senhor poderá accoitar ou não. Elle achá inutil qualquer differença do duello. O senhor marquez manda lhe propôr para a escolha, as sei horas da manhã. Tem portanto ainda tres horas para se preparar, principe. Mas ainda temo de fallar n'uma difficuldade. De certo já a policia teve conhecimento do caso e por isso é provavel que nos venha surpreender. Juramos eterno silencio e nunca o denunciaremos se por acaso o senhor matar o marquez. O mesmo juramento pedimos da parte dos seus padrinhos. O medico que assistirá ao duello, não sabe de quem se trata. Para tornar impossivel uma perseguição judicaria o marquez manda lhe propôr para usarem todos uma mascara de veludo. Accoita tudo isso?

Sherlock Holmes fez um signal affirmativo.

—Propomos tambem que se realize o duello nas catacumbas de San Gennaro ao pé de Poveri. No caso de tambem accoitar essa proposta estilo tratadas todas as condições do duello. Não teremos as armas preparadas.

—As condições agradam-me, meus senhores, e admiro a prudencia com que tomaram em tão pouco tempo tantas precauções, respondeu Holmes.

E voltando-se para Harry, disse lhe:

—Selim, acompanha estes senhores. Logo que saíram do hotel, Holmes destruiu a linda mascara que o tinha torando n'essa noite completamente desconhecido.

—Vai-te vestir como um perfeito cavalheiro, Harry, disse elle para o seu ajudante. Veste a casaca e põe uma gravata branca. Tambem seria bom fazeres a barba para poderes igualar-te com esses aristocratas italianos.

—O que tenho eu que fazer? perguntou Harry cansado, porque essa historia não lhe parecia muito segura.

—Seria o meu padrinho!

—Mas senhor Holmes em conchego o box, e tambem aprendi n'estes ultimos tempos o jiu-jitsu, mas não sei bater-me com sabre torto.

—Não faz mal. Aprendi quando era novo e espero ser tão forte n'isso como o Marquez. Não tens mais nada a fazer senão pôr-te ao meu lado esquerdo como o sabre na mão, e attende para quando eu e o patife italiano não me metta em mais nem menos o sabre nas barrigas. Isso não seria solavel conforme as leis do duello. Em summa, não lhe daria consilio para isso. Tu só tens de fazer o teu papel de estatico e mais nada.

Depois Holmes tirou a mascara do velludo preto, d'uma mala e pô-la na cara.

—O Marquez não me podia fazer melhor proposta, assim ao menos já não preciso de apresentar-me de baixo d'uma mascarada qualquer. Vamos depressa, Harry, não temos tempo a perder.

Uma linda manhá tinha se estendido sobre Napoleões.

As janellas do Castello Sant'Elmo resplandeciam ao brilho do sol matinal, e a lha montanhosa do Castello dell'Uro nadava n'um mar de purpura. O pico doicido da Margelina saudava os dois homens, que se dirigiram no automovel para o hospicio São Gennaro di Proveri. A estrada de Roma estava ainda deserta.

A's seis menos cinco chegou Holmes que guiava o automovel, ao hospicio.

Alguns metros depois desceu com Harry alguns degraus de pedra que conduziã a uma comprida galeria.

As catacumbas, que datam da antiguidade, estão divididas à direita e à esquerda por tumulos e são guarnecidas com toda a especie de pinturas.

No corredor principal, que terminava por tres escadas, esperava o Marquez o seu adversario.

Todos tinham mascaras pretas.

Sherlock Holmes e Harry que tambem tinham os rostos tapados, approximaram-se do grupo.

As catacumbas eram illuminadas por archotes que dois companheiros do Marquez traziam.

Um dos homens que figurava como juiz de campo poz-se entre os dois e disse:

—Fazendo a minha obrigação, venho perguntar se os senhores se querem reconciliar.

Os dois fizeram um signal negativo.

O cavalheiro tirou então d'uma caixa dois sabres tortos, entregando um a cada adversario.

O Marquez de Caserta assim como Holmes tinham tirado os casacos e collocaram-se em frente um do outro.

Os padrinhos puzeram-se com as suas armas ao lado dos combatentes e o juiz de campo disse:

—Um... dois... tres...

Os sabres finiram, cruzaram-se no ar e já não se aram.

Não era o primeiro duello que Holmes concluiu em serviço da justiça.

Era um esgrimista distincto e nunca faltava a uma occasião para pôr em pratica essa arte. Mas logo no primeiro ataque pôde constatar que tambem o Marquez Caserta era um dos melhores esgrimistas que se podia encontrar.

Esgremina tranquilamente, agilmente e com mão de mestre, fazendo todo o possivel para confundir o seu adversario.

Mas não chegou a isso.

O combate tinha durado já pouco mais ou menos dez minutos quando o Marquez se preparou para dar um golpe perigoso.

Rápido como um raio, Holmes poz-se em paradas, o sabre abateu-se e de repente a lamina que Holmes tinha na mão partiu-se.

O golpe do seu adversario foi contido desviado a tempo.

O juiz de campo não fez nada para interromper o combate e o padrinho do Marquez continuava imóvel quando este se preparava para dar um novo golpe mortal ao seu inimigo indolente. Sherlock Holmes fez um movimento para evitar o golpe mas no mesmo instante a lamina do seu fiel Harry recebia o golpe do Marquez.

—Isso é uma acção infame, gritou Harry Taxon, furioso e dispunha-se a deitar-se em elle mesmo sobre o covardo adversario.

Mas Holmes impediu-o, e então o juiz de campo e o padrinho acharam occasio de intervir.

—Se os senhores estão de accordo faz-se um intervalo de cinco minutos, disse elle. Como o duello ficou indeciso com os sabres propoizo que termine d'pistola.

O Marquez fez um signal afirmativo, vestiu a casaca e desapareceu n'um attalo.

—Aceito tambem, disse Sherlock Holmes, e o intervalo tinha acabado.

O Marquez appareceu outra vez e recebeu uma pistola da mão do juiz de campo. Depois recebeu tambem Holmes a sua arma.

—Atenção, prompto! Uma... duas...

—Espere! exclamou Sherlock Holmes. Os senhores esqueceram-se de carregar a minha pistola.

Holmes entregou sorrindo a sua arma ao juiz de campo.

Não é possível observar as caras que faziam os companheiros, porque todos traziam mascaras.

—Isso é fatal, murmurou o juiz não temos outra pistola.

—Não faz mal, respondeu Holmes. Metti por acaso uma pistola na algibeira, e tambem tive o cuidado de a carregar.

—Dizendo isto, tirou da algibeira a pistola. Um attento mortal seguiu as suas palavras. Ninguém se atreveu a contradizê-lo. Os dois homens levantaram o brago.

O Marquez tinha, como parte offensiva, o direito ao primeiro tiro.

O juiz ordenou:

—Uma, duas, tres! fogol

—A mão do Marquez baixou-se. Apontou cuidadosamente. O tiro partiu, todos os olhos se dirigiram para Sherlock Holmes.

Holmes recuou um passo e cambaleou. Algumas gottas de sangue tingiam lhe o rosto, e medico já queria approximarse d'elle, quando Holmes de repente se endireitou outra vez.

—Não é nada de cuidado, disse elle sorrindo. Senhor juiz, faça favor de dar o signal.

Ninguém oscou respirar. Depois do signal dado baixou-se o brago de Holmes. Apontou apenas um segundo, depois partiu o tiro. O Marquez levantou os braços ao ar, deu um giro sobre elle mesmo, depois um pulo e caiu no chão.

O medico correu em seu soccorro e arrancou o casaco do ferido. Uma bala no coração, disse elle.

A mascara caiu da cara do morto. Sherlock Holmes deitou lhe um olhar, e disse:

—Mas este não é o Marquez de Caserta. Lamento, meus senhores, terem-se prestado para esta intriga.

Um olhar para as caras atterridas dos amigos do Marquez denunciou a Holmes que esses mesmos haviam sido victimas d'um engano, que foi preparado com o auxilio da mascara.

Em seguida poz a capa, e saiu das catacumbas tomando o caminho pelo qual tinha desaparecido o seu adversario depois do duello com os sabres.

—Desconfei da patifaria, disse Holmes para Harry, subindo os degraus de pedra que os levava para o ar livre.

—Voltemos para o hotel e almoceemos, disse o grande mestre para o seu discipulo.

Chegando a casa, Holmes pediu o *Corrieri di Tribunali*.

Um artigo impresso com grossas letras interessou-o de tal maneira que deixou arrefecer o almoço para se entregar inteiramente à leitura d'esse artigo. Havia dois dias que o jornal fallava do caso Ventura. Essa manhá fallava largamente sobre a morte repentina e mysteriosa da condessa Ventura e tambem do incidente occorrido no baile em casa de principe Aliprandi.

Por fim dizia:

«Um leitor do nosso jornal diz nos que os acontecimentos passados em casa de principe são duplamente interessantes porque foram preditos pela velha Giovanna. Os illustrados viram essa declaração, mas o leitor affirmou que elle mesmo ouviu essa propheta da bocca de Giovanna. A velha Giovanna já prophetisou muitas coisas que na verdade aconteceram. O que ha de verdadeiro n'esse caso, entregamo-lo ao julgamento do leitor.»

Sherlock Holmes deitou furioso o jornal em cima da mesa.

—Sem esta senaço de que os jornalistas gostam, o nosso trabalho seria muito mais facil, disse elle para Harry. Já ouviste fallar alguma vez d'essa velha Giovanna?

—Não, mestre.

—Parece ser uma personagem muito conhecida. Em todo o caso devem os leitores d'esse jornal conhecê-la.

«Chama o criado.

Harry, conforme o pedido do seu mestre, chamou o criado que appareceu immediatamente.

—Conhece a velha Giovanna? perguntou Sherlock Holmes.

O criado fez uma cara mysteriosa.

—Decerto, ella é notavel, é uma bruxa.

Sherlock Holmes, riu-se.

—Ora! Então aqui acreditam ainda em bruxas?

—O senhor, não faça troça. Ha dez annos que estou em Napoles, n'este hotel. Ha tambem dez annos, que vein para esta cidade a velha Giovanna, Pareocone que ainda hoje ninguém sabe quem ella é, como se chama e o que faz. Alguem nas proximidades do Bosco Treonasi uma pequena casa, ninguém sabe com que diachiro. Ali mora ella ha já dez annos. Para dizer a verdade, a casinha d'ella é uma das mais bonitas de Napoles. A vinha selvagem cresceu pelas paredes e envolveu-a completamente com a sua folhagem. Das janellas da casa vê-se directamete o cume do Vesuvio.

Não ha estrangeiro nenhum que passe diante da casa mysteriosa, da qual só se veem os vilros turvos, que não pergunte que casa é essa. Os guias não gostam de passar por lá, os rapazes nunca vão brincar por ali e todo o napolitano ao passar perto d'ella benze-se. Repito-lhe, senhor, ella é uma bruxa.

Sherlock meditando, perguntou:

—Mas isso deve ter um motivo. O facto só de a velha ter alugado essa casa e não se dar com ninguém não é bastante para a classificarmos de bruxa.

—Oh senhor! ella mata todas as pessoas que se approximam d'ella.

—O que? Então já morreram pessoas em casa d'ella?

—Sim, senhor, tres. Desde então ninguém mais se atreveu a ir a casa d'ella.

Só de vez em quando, algúem tem o coragem de a deixar entrar lá hea ventura. Essas pessoas deixa ella sair de casa. Mas quem lhe quer fazer mal, nunca mais apparece á luz do dia, ella mata-o sem se saber como.

—O senhor está fallando por enygmas, respondeu Sherlock Holmes. Mas se ella mata gente, decerto a podiam julgar e castigar.

—Decerto. Mas a justiça teria de a absolver outra vez, porque não se pode provar que ella matou essa gente.

—Conta-se que uma vez um homem lhe exigia diachiro. Foi a casa d'ella e fallou-lhe durante algum tempo. Ella estava assentada à janella, e não se mexia. Mais ninguém estava em casa. De repente o homem spanhou uma pancada por detraz que o deitou ao chão. A bruxa foi muito tranquillamente ao posto de policia dizer para irem buscar o homem que fura accomettido d'uma apoplexia em casa d'ella. Não se descobriu nada n'elle. Nem ferida... nada... D'esta vez ninguém desconfiou de nada. Uma vez foi um agente da policia a casa d'ella para lhe exigir os papéis. Por fim zangou-se, ella deu-lhe um empurro que o fez cair no chão, perdendo os sentidos. De noite recuperando os sentidos teve a felicidade de se poder arrastar fora da casa. Desde então está paralitico e nada o pode curar. O terceiro foi tambem um policia que spanhou uma pancada com uma força extraordinária.

naria, esse morreu. Ella foi interrogada, mas tiveram a pôr em liberdade outra vez, porque é uma bruxa. Toda a gente aqui em Nápoles sabe que ella é uma bruxa. E eu tambem o digo. Oh não! o senhor julga, que alguém, que não tenha uma silencia secreta com o diabo, pode matar uma pessoa sem lhe tocar?

Sherlock Holmes não respondeu. Estava immovel olhando fixamente para a janella.

O criado retirou-se, mas o grande policia não se mexeu.

De repente levantando-se d'um pulo disse para Harry:

—Dá-me as cabelleiras e a minha caixa de arre-biques.

Harry foi o que elle ordenava o seu mestre.

Holmes desapareceu no quarto contiguo, e pas-sadas bem duas horas voltou outra vez.

Quando abriu a janella Harry soltou uma exclama-ção de surpresa:

—O conde Ventura!

—Parece-me que fui felix no meu disfarce, disse o grande homem sorrindo. Se não fosse isso, Harry, então já te digo que iamós passar um mal bocado. Espero portanto que ella não desconfiará de nada.

—Quem, mestre?

—A bruxa de Nápoles.

—A velha Giovanna? O mestre quer ir a casa d'ella?

—De certo. Oh, terás tu tambem medo das bruxas?

Harry riu-se e foi buscar a capa e o chapim.

Holmes e Harry foram de automovel até Bosco Trecese e ahi, perguntando o caminho a alguns cam-ponezes, foram ter á casa da bruxa.

—Não quer accetiar a minha companhia? disse um robusto policia expozem a Holmes.

Sherlock Holmes disse-lhe que não.

—Não me parece que ella me faça mal algum, disse elle, dirigindo-se com Harry para a casa, que appareceu de repente deante d'elles.

Era como o criado tinha dito, só se via da casa as janellas turvas que deserto, durante os dez annos, não tinham visto uma gotta d'agua.

Só se via erguer-se a chaminé no meio da vinha selvagem.

Nada denunciava que a civilisação tivesse tomado raizes ahi. Só uns fios telegraphicos, que passavam por cima da casa, mostravam que se achava ali uma habitação humana nas proximidades.

Nada se mexia, não havia cão que ladrasse, não se ouvia voz humana; tudo estava como morto. Sher-lock Holmes approximou-se do portão do jardim e abriu-o, mas inutilmente chamava em voz alta pela velha Giovanna, inutilmente bateu á porta, não teve resposta.

Finalmente, atravessou decidido o jardim, empurrou a porta e encontrou-se no mesmo instante d'um quarto andar. No meio do teto estava fixa uma cadeira de ferro pesada na qual estava pendurada uma caldeira de cobre enorme, por baixo da qual brilhava uma chamma ardente, e na caldeira ouvia-se a agua cantar. Uns gatos pretos, enormes, levantaram-se ao

verem entrar os estranhos, mostrando-se de muito mau humor.

O quarto estava immundo.

Núm dos castos estava uma coruja a comer um rato que acabara de apasnar.

Era quasi escuro, só o clarão do lume illuminava o quarto. De repente apercebeu Holmes uma mulher velha e nojenta, cujo corpo magro estava mettido em farrapos immundos.

Já tinha deitado um olhar fugitivo aos recomeços quando deu de repente um grito horrivel. Le-vantou-se, indicia ainda se o homem, que estava deante d'ella, era realmente o conde Ventura.

Os olhos saíram-lhe das orbitas, as mãos, nas quaes se viam unhas compridas e sujas estendiam-se para elle, mas vindo a posição inerte do conde retirou-se immediatamente.

Um sorriso maligno tomou o seu rosto horrivel, mas que mesmo nas suas formas actuaes ainda deixa-va combecer vestigios de antiga belleza.

—Mas que vem o senhor conde procurar em casa da bruxa? perguntou elle, o senhor conde não se envergonha de dar a Nápoles essa scena de humilhação?

Sherlock Holmes encolheu os hombros, e disse baixinho:

—Queris saber a minha sorte, Giovanna.

A velha deu uma gargalhada.

—Manda embora esse rapaz que trazes contigo, conde Ventura.

Sherlock Holmes meditou um instante, depois disse decidido:

—E' preciso que elle fique aqui. E' o meu criado, pôde ouvir tudo.

Elle agachou-se outra vez.

—Mas eu não quero! manda-o embora.

Elle levantou-se e approximou-se rapidamente de Harry, que fugiu d'ella até á grade que estava fixa na parede.

—Vae-te embora! gritou a velha furiosa,

No mesmo instante apañou Harry uma pancada que lhe tirou quasi os sentidos.

Sherlock Holmes agarrou-o e puxou-o para traz.

—Estiveste ainda como sorte, disse o mestre le-vando o para um banguinho sobre o qual Harry se deixou cair sem forças.

Admirado viu elle então que Sherlock Holmes ti-nha esalgadas umas luvas de borracha.

Tambem a velha tinha notado isso. Elle deitou um olhar meio timido meio venenoso para Sherlock

vando o para um banguinho sobre o qual Harry se deixou cair sem forças.

Admirado viu elle então que Sherlock Holmes ti-nha esalgadas umas luvas de borracha.

Tambem a velha tinha notado isso. Elle deitou um olhar meio timido meio venenoso para Sherlock

vando o para um banguinho sobre o qual Harry se deixou cair sem forças.

Admirado viu elle então que Sherlock Holmes ti-nha esalgadas umas luvas de borracha.

Tambem a velha tinha notado isso. Elle deitou um olhar meio timido meio venenoso para Sherlock

vando o para um banguinho sobre o qual Harry se deixou cair sem forças.

Admirado viu elle então que Sherlock Holmes ti-nha esalgadas umas luvas de borracha.

Tambem a velha tinha notado isso. Elle deitou um olhar meio timido meio venenoso para Sherlock

vando o para um banguinho sobre o qual Harry se deixou cair sem forças.

Admirado viu elle então que Sherlock Holmes ti-nha esalgadas umas luvas de borracha.

Tambem a velha tinha notado isso. Elle deitou um olhar meio timido meio venenoso para Sherlock

vando o para um banguinho sobre o qual Harry se deixou cair sem forças.

Admirado viu elle então que Sherlock Holmes ti-nha esalgadas umas luvas de borracha.

Tambem a velha tinha notado isso. Elle deitou um olhar meio timido meio venenoso para Sherlock

cidade e prosperidade em tua casa. Tiveste uma linda mulher, Ella morreu. Tiveste uma filha linda. Ella viu morrer, se não morreu já. Tu mesmo, conde Ven-tura, estás condemnado a morrer. Estás a tremer, não é verdade? Oh, o perigo está perto, muito perto. Não lhe escaparias; elle envolve-te como um peixe no meio d'um rde bem forte. Estás no meio do perigo. Podes rezar, praguejar, mas tudo é em vão, tens de morrer. Assim está decidido!

—O falso conde levantou a cabeça e disse:

—Por quem?

—Essa pergunta parecia perturbar a velha.

Elle calou-se um momento, depois disse:

—Pela sorte.

O conde Ventura franziu a testa.

—E' teu filho o conde, Giovanna?

Elle escutou. As costas curvaram-se-lhe, retirou-se com passos timidos, fixando o policia com os seus olhos irritados pela colera.

—Meu filho! Quem falla de meu filho?

—Ela.

—Vistes?

—Sim. Reconheci o porque se parece muito com-migo. Não esteve elle hontem no balle em casa do principe Aliprandi? Tu sabes tudo, Giovanna, portanto tambem debes saber isso.

—Reconheceste-o então por causa da semelhança contigo, conde Ventura. E' verdade, elle parece-se muito contigo. Hoje já não trnto, mas n'outro tempo eras tu qual como elle. Oh, n'esse tempo, miseravel, traidor! lembras-te ainda? lembras-te de ha trinta annos? Não era eu bonita? Diz, confessa se eu era ou não bonita. Tu calas-te? Responde-me! era a rapariga mais bonita de Messina, de toda a Sicilia. Não é isso?

—E' isso mesmo.

—Ahi é verdade, confessas? Oh, era tão feliz! Nada me faltava para a minha felicidade. Era amavel, bonita, encantadora. Os homens adoravam-me. Tinha um pae. Era um homem bom e honrado até que os tormentos chegaram. Dirás que elle foi um as-sassino, como elle chamaram todos. Mas tu sabes o que é a fome? Tu sabes o que quer dizer que o plo falta em casa? Quando tudo está perdido? Quando a miseria bate á porta, enquanto tu andavas na pande-ga abaixo da protecção das baionetas? A miseria entra, entra nós, quando de repente se fez a revolta. Op-primiste-o como o teu poder.

—Meu pae foi preso porque tinha morto a tiro tres carabineiros. Lembra-te ainda como eu te pedi para me salvar a vida de meu pae? Promettiste fa-zelo-o. Oh! tu prometteste-me ainda muito mais. Prometteste-me tudo o que eu podia desajar. Fizeste-me então tua amante. No dia seguinte enforcaram meu pae. Admiras-me como não te matei n'essa occasião. Mas a vergonha e a dor aterroram-me tirando-me toda a força. Fique então o que era, a tua amante, até ao dia em que me abandonaste com duas crianças, das quaes eraes pae.

—Lembras-te, Luiz? Jurei então em nome do ceu e do inferno que me vingaria horrivelmente de ti. Não me bastava matar-te. Quería arrancar-te do seio da felicidade e precipitar-te no abismo da dor.

—Mas não era eu directamente que te queria per-der, queria que fosse a tua propria carne e o teu pro-prio sangue que se vingasse de ti.

—Mas não tens então nenhuma piedade de mim?

—Piedade? gritou a velha. Tiveste tu piedade de mim quando me abandonaste com os meus filhos? Oh, os teus filhos tinham talento extraordinario! Na ver-dade gosto d'ellos! Mas não sei o que é maior, se o amor que sinto por elles se o dio que sinto por ti! Ninguém será poupado, nem tu, nem os teus.

Sherlock Holmes tirou um revolver da algibeira.

—E se eu te matar agora aqui, miseravel bruxa.

—Meu filho me vingará então. Não escaparas á tua sorte.

Dizendo isto deu a Holmes um empurro que o fez cambalear para traz obrigando-o a buscar com a mão um apoio.

A velha estava espreitando fazendo caretas e mur-murando palavras imperceptiveis.

Quando viu o homem approximar-se tranquillamen-te d'ella, ficou quasi doida de espanto.

—Como? seria possivel que eu perdesse o meu poder?

Holmes sorriu-se e disse em tom severo:

—Podias fazer valer o teu poder enquanto um espirito humano bastante não se descobrisse a tua manha. As tuas ameaças não se realisaram. A se-mente que tu espalhaste dar fructos envenenados.

«O crime do conde Ventura foi grande, mas ex-piou-o já bastante amargamente. Agora basta de cri-mes! Miseravel. O teu filho e a tua filha perderão-lhe mesmo com os teus planos de vingança.

A mulher deu uma gargalhada rouca.

—Experimenta, experimenta! Maldito seja! mal-dito para sempre!

Desappareceu dizendo isto, dando uma gargalhada infernal.

—Podes andar, Harry? perguntou o grande po-licia ao seu ajudante que, ainda cansado, estava assenta-do no banco.

Elle levantou-se n'um pulo.

—Sim, mestre, posso, apesar de me sentir ainda como que paralisado.

—Anda, vou ajudar-te.

Sherlock Holmes metteu o braço por baixo do braço do seu ajudante e saiu com elle da casa mys-teriosa.

O andar fez bem a Harry, o ar fresco fortale-ceu-o e pouco a pouco recuperou as forças.

—Não sei o que foi aquillo, disse elle. Mas senti que estava perdido, se não me tivesse arrancado a tempo das garras d'um poder horrivel.

—Esse horrivel poder é dominado pelos homens e foi posto por essa horrivel mulher e seu filho ifabam em serviço do crime. Já o conto do crevdo esta ma-niá me levou a esta ideia e me foi ver claramente do que se tratava. Vou dar-te a chave do enigma.

O policia parou e mostrou com a mão direita a casa, que parecia outra vez estar vazia e abandonada.

—Vês bem os fios telegraphicos que passam por cima da casa? A vinha selvagem com o andamento

dos annos cresceram sempre até finalmente chegar aos fios telegraphicos. Plantas não só mais conductoras da electricidade. Folia ligação com os fios telegraphicos, a casa ficou carregada de electricidade. Logo que algum toco n'um bocanado de ferro qualquer, apanhava um choque electrico mais forte ou mais fraco, confor- mado ao contacto da pessoa com o bocanado de ferro. O filho da bruxa, que não é outro senão o mysterioso Romano, o maior bandido que ha em Naples, des- por um aucto qualquer com esse phenomeno. Com a auctoria que possui foi-lhe facil aproveitar esse facto para sua mãe e para os seus peccados criminosos. Quem sabe quantos viajantes entraram n'esta casa e morre- ram d'essa maneira. Se a justiça, na occasião em que interrogou a bruxa, tivesse chamado um engenheiro, esse podia ter dado com a chave do enigma, e essa mulher infame ha muito estaria na impossibilidade de fazer mal á humanidade.

«Mas vamos depressa. As palavras da velha dão-me a entender que o qualquer plano projectado que deve ser o ultimo e o mais cruel.

«A minha entrevista com a velha confirmou o que eu desconfiei no momento em que a condessa Ventura foi assassinada: uma vingança de amor, como não se vê muito frequentemente egual. Agora, trata-se de sa- ber se poderemos restituir ao desgracado conde, que pagou tão caro um peccado da sua juventude, a sua filha, ou se teremos de o deixar precipitar se no abyss- mo do desespero. Seja como for, as horas do mysterio Romano estão contadas, tão certo como eu cha- mar-me Sherlock Holmes.

Uma hora depois saíram os dois policias outra vez do hotel enbrulhados em grandes capas negras que se deixavam vir as costas.

Assim vestidos foram n'um automovel até Bosco Trecese.

Alli deixaram o automovel e desapareceram na floresta. Debaixo d'um arbusto esconderam então as espadas e appareceram como uns dois bandoleros. A casa de Sherlock Holmes estava coberta d'uma tinta castanho escuro. No cimo tinha a pistola e a faca, e o mestre assim como Harry traziam o fato de cam- penezes ordinarios italianes.

Assim se paceram nas proximidades da casa da bruxa, espreitando.

CAPITULO V

A missa infernal

A noite caia lentamente e envolvia a cidade no seu manto negro, um vento quente vinha do lado do Vesuvio que deixava ha dias fogo e fumo. A erupção fazia-se sempre mais linda, mais grandiosa, com o au- mento da escuridão. Como uma espada de fogo er- geu-se ameaçadora a esquerda saindo da bocca do Vesuvio, um cea de purpura estendia-se sobre a cida- de reflectindo-se no mar. Tudo estava silencioso, as horas passavam lentamente, os dois policias sem fa-

zerem movimento algum observavam os arredores.

—Não será possível, sr. Holmes, perguntou Har- ry devagarinho, que se engane? Lembra-se quantos factos diferentes se misturam. Esqueceu-se do tenente Zampieri, que sem duvida alguma estava envolvido no rapto, que papel fazia o barão Arnabaldi que foi encontrado assassinado?

«E o tal artista, que foi, elle mesmo, victimo dos banditos de Pompeia, o que quer dizer isso? E tem a certeza de que a filha do conde Ventura se encon- tra em poder do Romano de Pompeia?

As perguntas que tu me estás fazendo já se res- pondem todas a mim mesmo. Não ha outra probabi- lidade de encontrar vestigios do Romano, senão nos en- tinhar o caminhar a propria bruxa. Ou elle vem a casa d'ella ou ella vai visital-o. As palavras d'essa malva- da, indicam que o ultimo acto d'esta tragedia, ao qual nós assistimos está para se dar. Mas silencio, estou ouvindo passos.

«A noite completa. A minha pallida estendia a sua luz sobre a paisagem, mas essa luz desaparecia de- baixo d'um claro vermelho que saia da bocca do Ve- suvio e que illuminava Naples inteiramente.

De repente abriu-se a porta do jardim da mysterio- sa casa. Uma mulher embulhada n'uma capa na- poliãta saiu d'alli com mil pressões, espreitando por todos os lados. Depois fechou a chave a porta e tomou o caminho que levava a Pompeia. De vez em quando ficava parada olhando para todos os lados. Mas era impossivel ver as duas sombras que a se- guiam silenciosamente e com infinita cautella.

Quando chegou ás ruínas de Pompeia ficou parada alguns momentos, hesitante. Estava justamente deante da Basilica, depois atravessou uma rua estreita de- xando á direita as ruínas do Forum e approximando- se da torre sagrada de Apollo, cujas ruínas antiquis- simas são as mais bellas de Pompeia. A luz tinha-se estreitado completamente escondido por debaixo d'umas pedras negras, um d'elles estava n'um altar d'ouro. Doze mulheres das classes mais baixas da populao italiana cercavam o altar cobertas apenas com uns veus transparentes, tendo nas mãos veias accessas. No meio do altar estava collocado um bode empalhado. Por detrás d'elles estava pendurado na parede um quadro no qual estava escripto:

«Sou o diabo padroeiro dos criminosos».

Os banditos eram numerosos. Sherlock Holmes observou que elle era um dos ultimos a entrar. Ninguem lhe ligou importancia. A possibilidade de que ali podesse entrar um extranho parecia excluda para os banditos. Tinham formado um grande circulo em volta do altar d'ouro, e estavam duas pessoas que policia conhecia muito bem. Um sorriso de cohera lhe passou pelos labios quando os reconheceu. Vestido com a armadura d'ouro estava o cavalleiro mysterioso collocado á direita do altar. Elle era o chefe reconhe- cido de todos esses banditos que tinham esculhido como escondendo Pompeia para saquear Naples. Um outro bastou a Holmes para reconhecer n'esse che- fe dos ladrões o Marquez Exerta, que elle tinha encon- trado no palacio do principe Aliprandi. Á esquerda do altar estava a condessa Jessica vestida com um

de passe dos banditos? A sua vida estava por um fio. Harry tinha chegado tambem ali. Sem reflectir deu o policia uma forte pancada no peito do bandido com o punho esquerdo, e com a mão direita uma grande pancada com o revolver na cabeça. O bandido apesar d'isso teve tempo de atirar o punhal ao peito do policia. Harry deu um grito de angustia. Mas Hol- mes já se tinha deitado sobre o bandido dando-lhe um novo golpe e o deitou sem sentidos. Rapidamente poz-lhe Holmes as algemas e empurrou o para um canto escuro. Depois levantou-se.

—Esqueceu-se de que a minha saia de malha não deixa passar o polco d'um punhal. Tu tomas agora o lugar d'essa sentinella. Percutas a todos pela saia e deixa-os depois passar. Depois de os banditos terem entrado todos safa-te e corre á estação que está defron- te do hotel Diomede, toma o comboio para Naples e vae prevenir os Carabinieri, pedindo-lhes para virem immediatamente e cercarem o templo, que venham logo em meu soccorro ao convirem o tiro de meu revolver. Vae depressa, para chegarem a tempo.

—E se não chegarmos tarde de mais, senhor Hol- mes? Lembre-se que está no meio de banditos que não reuam d'aute de nada. Parece-me que se está preparando uma coisa horrivel lá em baixo. Está per- dido, se elles o reconhecerem.

Sherlock Holmes sorriu-se tristemente.

—E' por ventura a primeira vez que eu enco- re morte, Harry? Aqui não se pode recuar. O Romano de Pompeia deixa de existir esta noite, ou então, pa- garei a minha derrota com a minha vida.

Antes que Harry tivesse tempo de responder tinha Holmes desaparecido na escuridão.

De repente ouviu Holmes uma grande confusão de vozes, parou escutando. Uma grande claridade appareceu deante d'elle e viu-se no meio d'um grande pa- teo. O Vesuvio deitou mais uma vez a sua luz muito viva sobre esse recinto. O chão estava coberto de pedras negras, e deante d'elles erguia-se um altar d'ouro. Doze mulheres das classes mais baixas da populao italiana cercavam o altar cobertas apenas com uns veus transparentes, tendo nas mãos veias accessas. No meio do altar estava collocado um bode empalhado. Por detrás d'elles estava pendurado na parede um quadro no qual estava escripto:

«Sou o diabo padroeiro dos criminosos».

Os banditos eram numerosos. Sherlock Holmes observou que elle era um dos ultimos a entrar. Ninguem lhe ligou importancia. A possibilidade de que ali podesse entrar um extranho parecia excluda para os banditos. Tinham formado um grande circulo em volta do altar d'ouro, e estavam duas pessoas que policia conhecia muito bem. Um sorriso de cohera lhe passou pelos labios quando os reconheceu. Vestido com a armadura d'ouro estava o cavalleiro mysterioso collocado á direita do altar. Elle era o chefe reconhe- cido de todos esses banditos que tinham esculhido como escondendo Pompeia para saquear Naples. Um outro bastou a Holmes para reconhecer n'esse che- fe dos ladrões o Marquez Exerta, que elle tinha encon- trado no palacio do principe Aliprandi. Á esquerda do altar estava a condessa Jessica vestida com um

vestuario phantastico que apenas lhe cobria o corpo. O seu rosto estava completamente mudado. Seria por causa da sombra vermelha que lhe caia em cheio na cara, ou se mostrava ella aqui na sua verdadeira for- ma? Os olhos luziam como uma chama, um sorriso diabólico cercava os seus labios. O lindo cabelo negro como a noite caia lhe sobre pelos hombros de alaba- stro. Tinha os braços cruzados no peito e olhava com olhar rígido para o altar onde tinha acabado de appare- cer a bruxa de Naples. Silencio de morte fez-se na sala. De repente ouviu-se um rugir do lado do Vesu- vio. Os banditos olharam uns para os outros com cara de terror.

Agora, fez-se ouvir uma flauta e um tambor. A bruxa subiu os degraus do altar do diabo, estendeu como se quizesse abençoar os banditos, os braços, e voltou-se para o bode. Ella dizia uma verdadeira mis- sa imitando exactamente os costumes da igreja catho- lica. Do livro assistio, fez uma latinha horrerosa, Assas- sinou, sangue e pragas horrerosas que Holmes podesse perceber. Os banditos repetiam algumas d'essas pra- zas:

E assim a seguir. Tudo o que era sagrado, era de- turpado pela bruxa. As pragas seguiam-se umas ás ou- tras. Ella fallava sempre mais depressa, como alluci- nada.

Ella voltou-se e nos seus olhos viu-se o fogo da demencia. Os labios marmuravam já machinalmente essas palavras horrosas que esses homens perdidos repetiam tambem machinalmente. Um calor abraça- dor enfiou a casa. Enthusiasmo e loucura reinava en- tre os banditos que se tinham esculido no chão. As mulheres offereciam vinho aos banditos em vasos d'ouro que tinham sido roubados nas igrejas. Depois de cada praga que a bruxa dizia bebiam elles um copo cheio de vinho dando vivas ao diabo. A embriaguez tinha chegado ao delirio. Uma algazarra horrivel en- chia a sala. Então a bruxa agarrou um cantaro d'oiro que estava cheio d'um liquido vermelho que offereceu a cada um para beber um trago. O liquido do cantaro era sangue vermelho e frasco, talvez d'uma victimo recente que caise a uma punhalada dos banditos. Foi precisa a Holmes toda a energia que possuia para fazer como os outros, beber um trago do cantaro. Um grito amargo e estragou-lhe, tinha bebido o sangue d'uma pessoa!

De repente a bruxa deu um grito estridente.

Imediatamente se fez silencio.

Outra vez se ouviu o mesmo ruido que vinha do lado do Vesuvio, e um barulho subterraneo fez es- tremecer o chão.

Os banditos precipitaram-se por todos os lados. Era o vinho que produzia essa sensação, ou era o chão que tremia por baixo dos seus pés? Ninguem pensou no perigo.

Em seguida a velha ajoelhou-se deante da estatua do diabo, e gritou:

—Cállula, faz a tua obrigação, e sacrifico ao diabo Ada, a filha de Ventura.

—Já lhe disse, mãe, que não estou de accordo com a morte da prisioneira, respondeu elle. Mas a sua voz não era firme.

—E' assim então que cumpres o teu juramento? Queres então que o diabo nos abandone e nos entregue todos aos Carabineiros? Traz para aqui a rapariga, ordê-nos eu, então, a minha praga que sobre ti, cobarde!

O chefe dos bandidos bateu com o punho no peito dizendo:

—Não sou um covarde, mãe, mas o assassino de Ada é inútil.

—Quem te diz isso, parvo? Eu quero! Fazes o que és! Escolhi a tua carreira! Instruí-te em todas as artes pelas quais se ganha o domínio sobre todas as pessoas. Fui eu que te fiz chefe d'essa gente corajosa, uma palavra minha basta, e um outro vai para o teu lugar.

Um riso escurador foi a resposta.

—Vermos isso, mãe!

A mãe do Romano agarrou ameaçadora a espada.

—Quem entre vós se atreve a desobedecer ao vosso chefe?

Um silêncio de morte se fez.

A filha da bruxa puz se então diante dos homens.

—Anda cá, Beppo, e diz a teu dono que elle é um covarde.

Os seus olhos fixaram-se ardentemente num joven que ha pouco se tinha juntado aos bandidos.

Rapidamente adeantou-se o rapaz, mas quando viu o olhar do chefe sobre ella, calou-se.

A filha da bruxa deu uma gargalhada.

—Não me pediste o meu amor Beppo? Não me achas então hoje bonita e desejosa? A minha cara murchou então desde hontem, quando tu de joelhos me pedias beijos? Terás esse beijo. Serei a tua amante se te obrigares o chefe a matar a nossa prisioneira. A mãe e quer, e eu tambem!

—Sol, disse, que gostas d'ella! E' justamente por isso que ella tem de morrer!

Catilina deu um grito, que parecia o bramir de um animal. Beppo estava ainda calado. A filha da bruxa soltou então o seu vestuario phantastico que lhe envolvia o corpo. Enquanto os homens formavam um circulo em volta d'ella, apenas coberta de seus brancos, dançou ella a mesma dança que Salomé, diante do rei Herodes. Os bandidos approximavam-se sempre mais. Todos os olhos estavam fixos nas lindas maravilhas d'esse corpo que se movia n'uma dança selvagem. Os seus brancos da mulher pareciam serpentes brancas que voavam pelo ar.

Elle ria-se e deixava um olhar ardente a cada um dos bandidos.

—Vejam como eu sei dançar. Não é Beppo um estúpido? Não merece o mais corajoso uma amante como eu? Vejam como eu danço. Exijo a cabeça de Ada, a prisioneira. A minha dança não merece a cabeça d'uma virgem? Digan lá!

E quando ella parou com as faces em fogo, ouviu-se o grito unanime dos bandidos:

—A cabeça da virgem! Victoria exige a cabeça d'uma virgem. Arrastem a prisioneira aqui para lhe cortar a cabeça. Vá!

O poderoso Catilina, o chefe, estava perdido, num guem fazia já caso das suas ordens. Agora que Catilina

via o seu poder acabado, decidiu elle sacrificar Ada, pela qual tinha uma grande paixão, para assim conservar o poder. Puxou pela espada e bateu com ella na cabeça d'um dos bandidos que estava ao pé d'elle que caiu cheio de sangue.

—Fujam, óes! tragam para aqui Ada! Eu mesmo quero tirar-lhe a cabeça.

Meia dúzia dos embriagados desapareceram por um corredor que Holmes ainda não tinha visto. Logo depois trouxeram pelos cabellos uma forma humana; uma mulher, que elles puzeram diante da estatua do diabo.

Com um movimento selvagem agarrou Victoria uma sala de prata e estendeu-a a Catilina.

—Dá-me a cabeça, gritou ella.

O coração se lhe offereceu ao diabo! gritou a bruxa.

Catilina approximou-se da prisioneira com a espada cheia de sangue. Ella estava ajoelhada diante d'elle. Elle agarrou com a mão esquerda o seu lindo cabelo e levantou-lhe bruscamente o rosto pallido.

Sherlock Holmes viu então dois grandes olhos nos quaes se lia o terror.

O momento de proceder tinha chegado. Holmes não podia hesitar nem um segundo, se queria salvar a infeliz de uma morte horrivel.

Com um revolver em cada mão adeantou-se o policia.

Tiro após tiro saia do seu revolver, mas os bandidos defendiam-se.

Houve uma grande barafunda.

As mulheres gritando tinham fugido todas. Catilina largou a cabeça da desgraçada e voltou-se admirado para o supposto bandido que se deitou de repente sobre elle.

A bruxa que do alto dos degraus onde estava tinha observado todo o acontecimento, approximou-se de Holmes e observou-o attentamente durante uns momentos.

—E' Sherlock Holmes, gritou ella.

Aterrados, os bandidos recuaram.

Tres, quatro bandidos que estavam mais perto, precipitaram-se sobre elle.

As pistolas Browning do policia puzeram-se em acção. Não deu tempo aos bandidos para o atacar.

Meia hora depois rolavam pelo chão os bandidos banhados em sangue.

Com um tigre deitou-se Catilina a Sherlock Holmes que se tinha posto diante da prisioneira para a proteger.

De repente apañou Holmes uma pancada que o fez cair. Mas ao mesmo tempo tambem caíram os seus adversarios. Um bramido se fez ouvir como se o diluvio tivesse caído sobre Pompeia e que augmentou os gritos dos combatentes. O chão oscillava como um navio batido pelos ondes furiosos. Pedras saltavam das paredes e caíam sobre os criminosos.

Não mesmo momento precipitou-se um bandido no pateo gritando:

—Napoles está em chamma! Houve uma erupção do Vesuvio. A lava vem directamente aqui n'uma lava corrente!

E como que para confirmar essa noticia ouviu-se um forte trovão. Ochoes de terror precipitaram-se os bandidos a bruxa e Victoria para a saída secreta d'onde os malvados tinham trazido a prisioneira.

O bandido que tinha trazido a noticia terrivel era Harry Taxon, que queria salvar o seu mestre, pondo em fuga os criminosos com essa sua noticia.

Sherlock Holmes agarrou Ada e fugiu com ella por onde tinha entrado para o pateo. Ali deitou-se e ali um homem gritando:

—Malvado! Já que tudo se acabou, então morre comigo!

O Romano levantou a espada.

Holmes tinha deixado cair docemente Ada para o chão. Harry agarrou a joven, que tinha perdido os sentidos e correu com ella pela escada acima. Holmes agarrou no ar o braço do seu inimigo e desarmou-o. No mesmo instante apontou sobre elle o revolver que ainda tinha na mão. Elle vendo a morte tão perto encheu-se de medo e fugiu pelo mesmo caminho, onde Harry tinha desaparecido.

Sherlock Holmes correu atraz do fugitivo.

A lava ardente, vomitada pelo Vesuvio tinha entrado uma parte de Pompeia pela segunda vez e tinha-se introduzido por uma abertura, que formava a segunda entrada secreta para o pateo subterraneo. Os bandidos tinham corrido ao encontro da sua perdição. Sherlock Holmes viu os desaparecer num mar de fogo. Os gritos por detraz d'elle eram cada vez mais fracos.

Quando chegou ao alto da escada estava todo envolvido num silencio de morte.

Catilina, o rei dos criminosos tinha chegado ao ar livre por uma saída secreta; Sherlock Holmes seguia-o de perto.

Como um animal espantado corria o bandido. De repente entenderam-se mais duzia de braços para o agarrar. A sua resistencia desesperada era inutil, não lhe servia de nada; num instante foi deitado ao chão e ligado.

Stallati, o capitão dos carabineiros, tinha-se postado com a sua gente diante da saída.

Pallido, com o fado esfarrapado, cheio de sangue, appareceu Holmes no meio dos policiaes.

Não se via mais nada; a atmosfera estava cheia de cinzas. Os raios brilhavam, os trovões estalavam, o chão tremia.

No momento em que os carabineiros levavam o terrivel criminoso, estendia o capitão as duas mãos a Sherlock Holmes, dizendo:

—Senhor Holmes! Esta é a maior acção heroica que Napoles tem visto. E' possivel que combatesse sozinho contra esse horrivel bando e que ficasse vencedor?

Sherlock Holmes, limpando o sangue da cara, disse simplesmente:

—O capitão bem o vê.

Então está debaixo da protecção da Madona. Para mim não foi tão protectora, senhor Sherlock Holmes.

O afameado policia sorriu-se.

—Parece-me capitão, que Deus e a Madona estão

sempre ao lado da justiça. Não querem saber de sua perdição e disparatos.

Na mesma noite, que em Napoles ressoavam os gritos dos infelizes, que julgavam o seu fim proximo, em que Vesuvio vomitava fogo e cinza, e que o povo fugia a cavallo e em carroças, navegava um barco para a ilha Capri.

No tumulto ainda fresco, da condessa Ventura, estava ajoelhado um homem envelhecido antes de tempo. Deserto tomava uma forma branca que Sherlock Holmes trazia nos braços, por um espectro, porque olhava para os dois sem se mexer.

No mesmo instante, envolveram-no dois braços brancos, dois labios quentes imprimiram-se nos seus, e uma voz suave murmurou:

—Pae!

CAPITULO VI

Palavra final

E' devido á superstição que principalmente na Italia, o criminoso pôde ainda hoje exercer o seu horrivel officio.

Sherlock Holmes escreveu ao inspector da policia de Napoles a carta seguinte:

«Exijo que a memoria do tenente Zampieri seja rehabilitada como mereço, diante da armada e dos seus amigos.

«Dada o primeiro dia estava persuadido de que um infeliz acaso fizera cair a filha do conde Ventura nos braços dos criminosos.

«Não acreditava que um raptor entrasse no castello. A condessa Ada saiu de sua livre vontade. Talvez se lembre do resultado da investigação. Ao fim da galeria havia uma porta que ha muitos annos não era aberta. Se os seus policiaes tivessem examinado bem a fechadura teriam visto que não havia nada alguma de ferrugem.

«Tambem não lhe podia ter escapado um pequeno vestigio de cera na fechadura. Pude constatar que foi posta pela parte de dentro, quer dizer do lado da galeria, com uma chave é que a porta foi aberta. Os vestigios da cera provam que foi feita uma copia da fechadura.

«As minhas investigações em casa dos serralleiros de Napoles confirmaram as minhas supposições. Soube que uma joven mandara fazer a um serralleiro uma chave, entregando-lhe um modelo de cera. A condessa Ada tinha preparado muitos dias antes a chave.

«Tambem o facto de se ter provido d'um vestido da manhã prova que a sua fuga era premeditada. Quando ella andava ás escuras, na galeria feriu-se n'um dedo, e n'essa occasião movendo a mão ferida d'um lado para o outro, gotas de sangue se espalharam. Talvez se lembre que encontrei tres gotas de sangue na galeria.

«Agora perguntará porque fugiu a condessa durante a noite.

«Lembra-se que notei alguns pingos de cera no para-choque da janela. Ella tinha posto ali uma vela para dar signal ao homem que esperava.

«N'esta occasião enfiou-se a seu fio de paredes no caixilho da janella. A cruz de brilhantes arrancando-se do fio, caiu para uma abertura do chão. A pressa com que saia prova-o ella não ter tempo para procurar a cruz de que tanto gostava. Agora perguntará quem era o homem que a esperava? Muito simples! O barão Arnabaldi, que ella conhecera n'um baile. Ella sabia que seu pai tinha uma grande antipathia por elle e que nunca consentiria no seu casamento com o barão. Apesar da vigilância que a condessa Ventura exercia, espoucho-lhe que os dois jovens se namoravam.

«Arnabaldi que sabia muito bem captivar as mulheres, soube induzir a joven senhora a fugir com elle. Não teve escrúpulo de abandonar a outra rapariga com quem maninha até então relações amorosas. Essa rapariga não era outra senão a aventureira condessa Jessica, filha da bruxa.

«Ella desconfiou do engano, seguiu o barão e assassinou-o no momento em que teve a certeza de ser enganada por elle. O temido Zampieri adverteu a mãe da condessa Jessica, sobre as relações da qual não se sabia nada ao certo em Nápoles. O seu amor não tinha sido correspondido até então. Conforme os costumes dos apaixonados, dava elle passios nocturnos deante das janelas, e seguia-a quando saia clandestinamente de casa. Assim, foi testemunha do crime. Viu com os seus proprios olhos, que a mulher que amava com todo o ardor do seu joven coração, era uma assassina vulgar. Desesperado, correu para casa. Quando o prenderam, não teve a coragem de denunciar a mulher que ainda amava. Meio doído de desespero pelo que tinha visto, fugiu e deitou-se finalmente, porque a vida para elle já não tinha valor, aos rochedos de Capri.

«Catilina faz na sociedade napolitana uma vida dupla. Apresentou-se com o auxilio de attestados falsos como Marquez de Caserta, e ostentava uma vida luxuosa com a pillagem que lhe caia nas mãos como chefe d'um bando atrevido nas suas aventuras. A bruxa, sua mãe, preparava desde o dia em que se instalou em Nápoles, a vingança contra o conde Ventura. Ella decidiu que seu filho esperasse uma occasião para roubar a unica filha do conde Ventura.

«Catilina, o chefe dos ladrões, era, como Marquez de Caserta, amigo do barão Arnabaldi e como tal soube os planos d'este ultimo. Decidiu então tirar-lhe a presa. Sua irmã veio inesperadamente em seu auxilio. Quan-

do a condessa Ada viu que o seu namorado fôra assassinado quiz voltar para o castello. Viu então o caminho tomado pelo chefe dos bandidos e correu ás cegas para o abismo. Ali foi apanhada pelos bandidos e desceida por meio d'uma corda pelo declive. Lá em baixo esperava-a um barco no qual a prisioneira foi levada.

«Para transviar completamente a policia, tinha Catilina unido o rochedo com sangue e espeton o veu de Ada, para fazer crer que ella se deitara aos rochedos.

«A carta de extorção é um estremo tragicomico n'este drama. O artista não tinha nada de comediante com o rapto de Ada. Achou occasião propria de adquirir uma fortuna sem trabalho e por se em scena, elle e um outro cumplice. Os bandidos assassinaram o artista para o castigar da ousadia que teve em se misturar nos planos de Catilina.

Pelo que respeita ao meu merito n'esta aventura, já lhe digo não se deve avaliar de mais. Tive pouca occasião de obter exito por minha sagacidade. N'este acontecimento misturavam-se tantos elementos brutos, que tive tambem de empregar a brutalidade para chegar ao meu fim.

«No baile do principe Aliprandi descobri toda a intriga. Apareceu-me do mancebo, que a condessa moribunda chamara p-elo nome de seu marido, com o conde Ventura, surpreendendo-me logo. Moribunda, privada dos seus sentidos, a condessa julgou ver n'esta apparição seu marido rejuvenescido. Desde esse momento não duvidei que se tratava d'uma vingança de familia.

«O duello no qual me deixei enganar devia-me dar explicações. Catilina só teve coragem de fazer frente com o sabre; quando veio a vez da pistola poi no seu legar um companheiro e enganou os seus padrinhos.

«Assim escapou da morte, á qual eu já o tinha condemnado para poder salvar mais depressa a condessa Ada. O acaso veio em meu favor e poz-me pelo jornal na pista da bruxa.

«Por uma simples astucia arranquei á bruxa de Nápoles o seu mysterio. O caminho então era claro deante de mim. Ella mesmo devia apresentar-me possibilidade de livrar Ada. Como o consegui, sabe-o o leitor.

«Espero que Nápoles possa agora respirar mais livremente depois de se ter comprovado que a erupção do Vesuvio não foi tão perigosa como á primeira vista se julgou.

Seu dedicado

Shelock Holmes

FIM

Ler no proximo numero:

Os segredos do Jiu-Jitsu

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos
(Por Arnaldo Dubarry)

O Amor nos seus diversas manifestações, regoz, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provamos-o estado das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nos-a vida contemporânea.

E tuar as aberrações a que as paixões desvairadas conduzem os homens, tal foi o intuito do autor ao escrever a série de romances publicados sob o pseudonymo do titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quais os vícios contra natura, o hermaphroditismo, a hybris, a depravação e a sumptuosidade analogos são tratados com mais de me tre.

Dos *Desequilibrados do Amor* achá-se publicados o primeiro volume:

O Feticchista

Devendo seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da hereditidade os seguintes, já no prelo:

- O Invertido
- O Hermaphrodite
- O Mysteric
- O Flagellante, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

1500 REIS

Novidade Literaria

ESCOLA DO VICIO

por Octavien de Saintary
1 vol. com capa artistica 700 rs

LEIAM TODOS
O conquistador de criadas
Estranho mundo feminino plotin
The grosse vulgar case
and other explanations grotescas 300

RENÉ ENERY
S.ª Maria Magdalena
Reliance des temps biblios
I A Paschoa de Formosa
II Chamma de voluptuosidade
III Monk, terra da luxuria - IV Pela senda do amor - V Helio supremo
eleg. vil. em 8.ª com critica tape a 8 cêres 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES
Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs

TRATADO PRATICO DE GYMNASICA SUECA

por L. C. Kamlien

Edição de luxo, profusamente illustrada. Formatao em elegante vol. in-8.º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

1 Crimes no palacio Jackson	18 Jackson envenenado
2 O caso d'uma perna	19 Ostracismo de Jackson
3 Evasão d'um malvado	20 Sapatos de defuncto
4 Crimes impunes	21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes
5 Calvario d'um assassino	
6 Um attentado terrorista	22 Mulheres policas
7 A creanga martyr	23 Um milhio de francos
8 Resgate sangrento	24 Ao resgate de um Yanké
9 A falsa suicida	25 Coração torturado
10 Um d'ama nos muros	26 O quarto dos mortos
11 Junho de julho	27 A calcea curada
12 Jackson, em poder dos bandidos	28 O servido do conde
13 O caso policia	29 Tragico pela arca
14 O esqueleto vivo	30 A derrota dos bandidos
15 Bandoleros de casaca	31 Os mysterios de Chicago
16 Resgate dos apaches	32 O subterraneo dos cadaveres
17 Duas facanhas notaveis	33 Perseguição a uma mulher
	34 A renuncia de Lord Jackson

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

JIU-JITSU

LIVRO DE LEITURA
1 vol. edição de luxo em 19 folhas
para a 4.ª classe dos Lyceus
+ 3 fotografias de paginas
600 reis

Colleção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras —

Volumes publicados

1. Arsene Lupin, gatinho da alta roda, por Maurice Le Marac (Ep. 1. 2. O Homem mysterioso, Guy de Faramond. 3. O funeral de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsene Lupin contra Sherlock Holmes, Maurice Leblanc. 5. Um grilo na treva, Goldschmidt. 6. O Prisioneiro de Mario, G. de Juvigny. 7. O Club dos Ladres, Fern. A. Boring. 8. Aquella ócca, Novas aventuras de Arsene Lupin M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Verazella, Pierre Giffard. 11. O Cambio do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grandes romances policas, A. C. Green. 13. A guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata Feroz, London. 15. As tres garotas, sensacional romance de aventuras Paul d'Ivoi. 16. Inova, a mysteriosa por Ch. Polry. 17. Rêve. (Novas aventuras de Arsene Lupin) por M. Leblanc. 18. Les Feries, por Henri de Fagnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Gatolyn. 21. A mulher mysteriosa, por Fernus Home.

Cada vol. in-4.º, contendo a materia de um

350 rs. ccc grosso vol. in-8.º, de 300 cc rs. 350

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

A MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

Empresa LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23, Lisboa



TRABALHOS typographi-
cos em todos os generos

Especialidade em impressão
a cores pelo processo da
TRICHRROMIA

Jornaes, Revistas illustradas
Minutas, Catalogos, etc. etc.

ENCADERNAÇÕES em todos
os generos

Preços modicos

Telephone n.º 1:302

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA



Romance passionnal, baseado na narrativa biblica
1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.



NICK CARTER

O celebre policia americano

aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel dective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA 100 rs.

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Klusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos jan-ces, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, emagradora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatufo de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-o

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicadas em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O rapto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatufoes. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de botota. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico perigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassinio de Fall River. 20. Aventura d'um policia no Far-West. 21. O poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo. 23. O mysterio chinês. 24. A casa dos sete demônios. 25. A rainha dos sete. 26. O signal de morte. 27. Os demônios do Oriente. 28. Descida de Dazaar aos infernos. 29. O ultimo dos sete. 30. O Resuscitado.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDE

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, achase sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8.º grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700